



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MIRELI MANO DA SILVA OLIVEIRA

**MULHER E TRABALHO SOB A PERSPECTIVA FEMININA NO MUNICÍPIO DE
SUMÉ-PB**

**SUMÉ - PB
2018**

MIRELI MANO DA SILVA OLIVEIRA

**MULHER E TRABALHO SOB A PERSPECTIVA FEMININA NO MUNICÍPIO DE
SUMÉ-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Orientador(a): Professora Dr^a. Sheylla de Kassia Silva Galvão.

**SUMÉ - PB
2018**

B333m Oliveira, Mireli Mano da Silva.

Mulher e trabalho sob a perspectiva feminina no Município de Sumé - PB. / Ana Cristina Gomes Batista. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

57 f.

Orientadora: Professora Dr^a. Sheylla de Cássia Silva Galvão.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Mulheres e mercado de trabalho. 2. Igualdade de gênero. 3. Cariri Paraibano - mulheres. I. Título.

CDU: 305(043.1)

MIRELI MANO DA SILVA OLIVEIRA

**MULHER E TRABALHO SOB A PERSPECTIVA FEMININA NO MUNICÍPIO DE
SUMÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado(a)
em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA:



**Professora Dra. Sheylla de Kassia Silva Galvão.
Orientadora – UACIS/CDSA/UFCG**



**Professora Ma. Susana Rolim Silva
Examinador I – UACIS/CDSA/UFCG**



**Professora Ma. Jéssica da Silva Vieira
Examinador II – UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 09 de agosto de 2018.

SUMÉ - PB

Ao meu Pai que sempre lutou para que pudesse ser a pessoa que sou hoje, e sempre me mostrando os caminhos certos a serem seguidos e trilhados. (Dedico)

AGRADECIMENTO

A DEUS, que me deu força e coragem para vencer todos os obstáculos e dificuldades enfrentadas durante o curso, que me socorreu espiritualmente, dando-me serenidade e forças para continuar.

Aos meus pais, Bonifacio (em memória) e Maria da Guia, por me darem a vida e me mostrar que só com educação podíamos alcançar nossos objetivos um dia.

A minha tia Odete que sempre me motivou a seguir meus estudos.

Ao meu marido Felipe, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando nas dificuldades e me motivando a não desistir.

A minha madrinha Maria do Carmo (Paixão), que também sempre esteve ao meu lado, me dando coragem e confiança, além de se mostrar como um exemplo para mim.

A minha “tia” Conceição, por toda ajuda e apoio.

Aos meus amigos e professores meus sinceros agradecimentos por tudo que fizeram para me apoiar, e em especial, a minha orientadora, Profa. Dra. Sheylla Galvão que sempre se mostrou paciente comigo, durante este período.

E a todos que de um modo geral me encorajaram e apoiaram durante minha caminhada, para chegar até aqui.

“A emancipação da mulher há de ser obra dela própria”. (RAGO 2014, p. 141)

RESUMO

Ao longo dos anos a mulher vem lutando pela sua igualdade de gênero, almejando alcançar os mesmos direitos que os homens possuem, especialmente porque são tidas, em muitas sociedades, como aquelas que só servem para procriação e cuidado com os afazeres da casa e dos filhos. Nesta perspectiva, o presente trabalho tem a proposta de apresentar como a mulher vê a classe trabalhadora em cidade de Sumé-PB, bem como seus anseios e entraves. Para isso foi utilizada como base teórica autores como Rago (2014), Teles (1999), Vainsencher (2011), entre outros. O ponto de partida para situar a mulher trabalhadora é a reportagem, publicada em Revista de circulação nacional, com o título “*Bela, Recatada e Do lar*”, onde mostra a vida da primeira-dama Marcela Temer, que se enquadra em uma pequena parcela das mulheres que são privilegiadas socialmente. Exemplo este em que a Marcela opta por abandonar sua vida profissional, para personificar o estereótipo de mulher-mãe e dona de casa, vivendo à sombra do marido, o atual presidente Michel Temer. Para tal foi realizada uma Pesquisa Descritiva, com abordagem qualitativa e utilização de técnica de Entrevista Temática para a Coleta dos Dados, com Roteiro de Entrevista composto de 14 perguntas e aplicado a uma amostra de 10 mulheres inseridas no mercado de trabalho no município de Sumé. A análise dos Dados foi ancorada na Teoria das Representações Sociais de Moscovici. Os dados obtidos indicaram que as mulheres pesquisadas acreditam que a mulher pode desempenhar dupla ou tripla função, associando os trabalhos domésticos com os trabalhos formais, discordando do modelo representado por Marcela Temer, mesmo para atuação da Primeira Dama. Por outro lado, os dados também demonstram que, mesmo com toda as conquistas que as mulheres alcançaram ao longo dos tempos, ainda falta muito para a mulher se encaixar equitativamente na sociedade que vivemos. E que, apesar de muitas mulheres já terem alcançado postos de confiança por seus méritos, existe um grande preconceito que nos cercam, baseado no machismo e no patriarcalismo.

Palavras-chave: Mercado de Trabalho. Igualdade de Gênero. Representação Social da Mulher; Cariri Paraibano.

ABSTRACT

Over the years, women have been fighting for their gender equality, aiming to achieve the same rights that men have, especially since they are, in many societies, used as procreation and care for the chores of the home and children . In this perspective, the present work has the proposal to present how the woman progressed in the labor market in the city of Sumé-PB, as well as its longings and obstacles. For this purpose authors such as Rago (2014), Teles (1999), Vainsencher (2011) and others were used as theoretical basis. The starting point for situating the working woman is the report, published in Revista de circulación nacional, entitled "Beautiful, Reclaimed and From Home", which shows the life of First Lady Marcela Temer, as an example to be followed by the women. An example in which Marcela chooses to abandon her professional life, to personify the stereotype of mother-wife and housewife, living in the shadow of her husband, the current president Michel Temer. For that, a Descriptive Survey was carried out, with a qualitative approach and use of the Thematic Interview for Data Collection, with an Interview Questionnaire composed of 14 questions and applied to a sample of 10 women entering the labor market in the municipality of Sumé. Data analysis was anchored in Moscovici's Theory of Social Representations. The data obtained indicated that the women surveyed believed that women could perform double or triple function, associating housework with formal work, disagreeing with the model represented by Marcela Temer, even for the First Lady. On the other hand, the data also show that, even with all the achievements women have achieved over time, women still have a lot to fit evenly into the society we live in. And that, although many women have already reached positions of trust by their merits, there is a great prejudice around us, based on machismo and patriarchalism.

Key Words: Labor Market; Gender equality; Women's Social Representation; Cariri Paraibano.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Objetivos.....	10
1.1.1 Objetivos Geral.....	10
1.1.2 Objetivos Específicos	10
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 Um breve relato histórico da evolução da mulher no mercado de trabalho.	11
2.2 A mulher no brasil colônia	12
2.3 A mulher na república	15
2.3.1 A Primeira e a Segunda República	15
2.3.2 Na Terceira Republica e o Golpe – 1964 a 1985.....	17
2.4 As mulheres do novo século!.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
3.1 Metodologia.....	28
3.2 Local da pesquisa.....	28
3.3 Participantes da pesquisa	28
3.4 Coleta de Dados.....	29
3.5 Processo de Análise dos Dados	29
3.6 Posicionamento ético da pesquisa	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6 REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES	50
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	51
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	52
ANEXOS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Analisando as condições das mulheres na sociedade, percebemos que elas muitas vezes são vistas como inferiores aos homens, seja socialmente, profissionalmente ou no âmbito familiar. Porém, vê-se que vêm se desenvolvendo ao longo do tempo, buscando formas de emancipação e igualdade de gênero.

Desde a antiguidade, a mulher é vista somente como pessoa responsável pelo lar, a peça chave do ambiente familiar, como nos diz Carvalho (2011). Mas isso se modificou no decorrer do tempo, e a figura feminina passou a adquirir um lugar significativo, tanto no seio familiar como no meio social. Assim, é a partir dessa evolução que buscamos elaborar este trabalho, no sentido de investigar como Carvalho (2011), Louro (1997), Rago (2014) e Teles (1999) discutem o tema proposto. Também consideraremos o ponto de vista de mulheres trabalhadoras, inseridas no mercado de trabalho na cidade de Sumé-PB, e que também sejam mulheres do lar, ou seja, que desempenhem dupla ou tripla jornada de trabalho.

Para distinguir os indivíduos de sexo diferente, é utilizado o termo *gênero*, cujo conceito “suruiu, então, como categoria de análise, em estudos que objetivavam demarcar lugares e distinguir o que é da ordem do masculino e do feminino” (PRAUN, 2011). A partir disso, é possível notar que o gênero feminino vai se constrói em contraposição ao gênero masculino. Isso possibilitou que fossem criados significados sociais e culturais que pudessem fazer uma diferenciação sexual dos indivíduos, por exemplo, o “azul é cor de menino e o rosa de menina”, entre outros. Tais diferenciações são repassadas desde a infância.

Segundo Louro (1997), os estudos feministas demonstraram que há uma dominação dos homens sobre as mulheres. Ou seja, a função da mulher era apenas a de procriadora ou de agradar sexualmente ao outro, pois sempre se atribuiu ao homem a condição de dono do saber e às mulheres a condição de subordinadas ao poder masculino. Desse modo,

A mulher, no período colonial, deveria ser preparada para o casamento, sendo obediente ao seu marido, reverenciando-lhe, não podendo fazer coisa alguma sem seu conselho, usando sempre véstias honestas, cobrindo o corpo, até mesmo os pés. (CARVALHO, 2011, p. 144)

Percebe-se, pois, que as mulheres eram preparadas para os serviços dos lares, tanto para seus pais, como para seus maridos. Assim, não podiam estudar, votar, ocupar cargos trabalhistas, entre outros pontos.

No decorrer da história, os homens eram aqueles que detinham o poder, e as mulheres eram subalternas. Porém, essa situação passou a se reverter e as mulheres passaram a ganhar lugar na sociedade, tendo o direito ao voto, a trabalhar fora do lar e a ter alguns dos direitos que, a princípio, eram apenas dos homens. Uma dessas conquistas foi a participação no mercado de trabalho.

Sabemos que a mulher é um sujeito de luta, brava e guerreira. Com muita determinação elas avançaram e, brilhantemente, conquistaram seus espaços em muitas áreas do trabalho. Sua participação envolve diversos setores do mercado e já estão presentes no comando de cargos de chefia de grandes empresas, como também em cargos importantes no meio político, a exemplo da ex-presidente Dilma, a qual, depois de muitos anos de luta, foi a primeira mulher a ocupar um cargo tão importante em nosso país. Além disso,

Existem diversos motivos pelos quais a inserção da mulher no mercado de trabalho deve ser estudada e analisada. Em primeiro lugar, ela produz forte impacto nas relações sociais, pois implica uma mudança de “paradigma” familiar e cultural. Outro motivo, não menos importante é relacionado com a discriminação de gênero, tanto em relação a diferenciais de salários quanto a postos de trabalho. (PEREIRA, 2005)

Dessa forma, estudar esse processo de inserção da mulher nas ações de uma sociedade é ver que a mulher, antes tida como um ser humano “fraco e frágil”, pode sim se desenvolver da mesma forma que os homens se desenvolviam socialmente. Ou seja, a mulher era vista como uma pessoa que só podia viver à sombra de seu marido, cuidando de sua casa e dos filhos. A quebra desse paradigma é importante, desde que começaram as suas lutas, tendo que enfrentar sua família e uma sociedade “acostumada” com tal situação.

O tema em debate apresenta um grande grau de complexidade. Por essa razão, neste trabalho optamos em analisar o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, com uma análise da mulher que está no mercado de trabalho e seja também “chefe do lar”. Como suporte, utilizaremos os autores Rago (2014), Teles (1999), entre outros. Teremos, além disso, como base de pesquisa, um artigo publicado na revista *Veja*, com título “Bela, Recatada e do Lar”, que apresenta a vida da primeira-dama Marcela Temer, uma mulher que se dedica inteiramente à vida do marido. Na época de publicação, esta matéria foi motivo de muita revolta em uma parte da sociedade, a qual não aceitou essa “imposição”, como se a decisão de viver à “mercê” do marido fosse algo inexistente. No entanto, isso reflete uma mudança – ou tentativa de mudança – de paradigma e de políticas públicas, voltadas para a igualdade de gênero e suplantadas pelo governo Temer.

Portanto, pretendemos inicialmente fazer uma análise teórica da inserção da mulher no mercado de trabalho e as consequências disso para a sociedade, apresentando suas lutas contra as injustiças sociais e a discriminação que sofrida, entre outros pontos. A partir disso, discutiremos como a mulher conseguiu impulsionar suas conquistas social, emocional e pessoal para observar como a mulher está se desenvolvendo no mercado de trabalho e quais suas maiores dificuldades e conquistas, uma vez que ainda exerce a função de “chefe do lar” em muitos casos. Para uma melhor análise entre a “mulher trabalhadora” e a “mulher do lar”, utilizaremos um questionário com 14 perguntas sobre o tema proposto e sobre a reportagem da revista *Veja* “Bela, Recatada e do Lar”, por meio do qual serão entrevistadas dez mulheres inseridas no mercado de trabalho da cidade de Sumé, no Cariri Paraibano.

Este estudo se justifica, além dos argumentos já apresentados, pelo interesse pessoal da pesquisadora sobre o tema, já que também é mulher e acumula as funções de trabalhadora no comércio local de Sumé e dona-de-casa. Assim, o desempenho das funções laborais e doméstico-familiares em alguns momentos causa angústia e reflexões. Portanto, esta pesquisa visa averiguar se essas angústias e reflexões – transformadas em hipóteses de pesquisa – também são vivenciadas por outras mulheres que compartilham da mesma situação. Se as hipóteses se comprovarem no desenvolvimento deste trabalho, indicam que tanto eu quanto as demais mulheres estão inseridas num modelo de dominação de gênero, o qual é reproduzido e reificado ao longo do tempo, de geração a geração, perpetuando, assim, a dominação de gênero.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivos Geral

- Compreender o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho no município de Sumé.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Traçar um perfil da mulher trabalhadora no município de Sumé;
- Avaliar a visão das próprias mulheres trabalhadoras a respeito do mundo do trabalho;
- Mostrar como ocorrer a inserção da mulher no mercado de trabalho;

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Um breve relato histórico da evolução da mulher no mercado de trabalho.

O ser humano nasce dotado de determinadas características anatômico-fisiológicas, do ponto de vista biológico, que o enquadram como um indivíduo do sexo masculino ou feminino, tomando como base a genitália, cromossomos sexuais e hormônios.

Ao observarmos as dinâmicas sociais, podemos observar, no entanto, que existem diferenças entre homens e mulheres além da parte fisiológica, ou seja, na parte comportamental, cultural, sentimental e trabalhista. Essas diferenças são transformadas em desigualdade de gênero a partir do momento em que se afirma que certos comportamentos e atitudes são próprios de determinado gênero, excluindo o outro de uma atuação mais ativa nesses aspectos.

Nesse sentido, desde os tempos remotos os homens foram classificados como aqueles que detinham mais força, coragem e inteligência para desempenhar certas tarefas melhor que as mulheres. Assim, se inicialmente as diferenças biológicas foram ponto de partida para a desigualdade entre homens e mulheres, baseada na capacidade reprodutiva e na força física de ambos, posteriormente deu-se origem às bases para a Divisão Social do Trabalho. Tal fato acarretou uma ausência de troca de conhecimento ou experiências entre os gêneros, com a imposição de um modelo de conhecimento ou experiência a outro gênero. No caso, a imposição do modelo patriarcal. Nesse contexto,

A sociedade é um sistema estruturado por campos homólogos (grupos ou classes sociais) que possuem certa autonomia mas com estreitas relações entre si. A estrutura social é vista como um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado tanto pelas relações materiais como pelas relações simbólicas. (VIANNA 2002, p. 109)

Através dessas diferenças, pois, podemos observar a existência de distinções entre os gêneros, como, por exemplo, a noção social de que a mulher é o “sexo frágil” e de que o homem é um indivíduo dotado de força e disposição, o que podemos classificar como distinções preconceituosas e sexistas.

Segundo os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2013, viviam no Brasil

cerca de 103,5 milhões de mulheres, o equivalente a 51,4% da população (Portal Brasil)¹. Mesmo assim, as mulheres ainda podem ser consideradas minorias, não por estarem em menor número, mas porque têm menos acesso a direitos e garantias, além de sofrerem discriminação. Como consequência dessa exclusão, verificou-se que as mulheres ocupavam cerca de 43% dos postos de trabalhos formais no Brasil no ano de 2013, enquanto os homens representavam 57% desses postos.

Com base nesses dados e hipóteses, nos propomos a apresentar um breve relato bibliográfico de como evoluiu o papel da mulher na sociedade. Ela, que sempre ocupou o papel de subordinada ao longo dos anos e desde o início da civilização sofreu com a opressão e discriminação em razão do gênero, em tempos remotos era compreendida pela sociedade unicamente como filha, futura esposa e mãe dedicada. A mulher, antes submissa aos pais, quando casada necessitava da autorização do marido para dar andamento a seus atos no âmbito civil. Era genitora e responsável por seus filhos. Seu Pátrio Poder era de forma subsidiária e isso se repetiu (e se repete) no âmbito trabalhista, como veremos em sua trajetória.

2.2 A mulher no Brasil Colônia

No Brasil Colônia – entre 1500 a 1822 – as mulheres indígenas tinham costumes bem distintos entre si: algumas eram escravas de seus maridos enquanto outras chegavam a chefiar grupos. Elas desenvolviam o trabalho de plantação e colheita e eram consideradas, pelos colonizadores, apenas como mulheres reprodutoras. Nesse período, ao observar que os colonos portugueses estavam se relacionando com as indígenas, o Padre Manoel da Nóbrega pediu para que mandassem mulheres portuguesas (geralmente órfãs) para que pudessem povoar o Brasil (TELES, 1999).

No período da economia aurífera, os centros urbanos coloniais foram progressivamente tomados por estabelecimentos comerciais que abasteciam a população local e as mulheres eram as que mais atuavam nesse meio. No ano de 1776, o comércio de Vila Rica tinha sessenta por cento (60%) de seus estabelecimentos administrados por mulheres. E alguns relatos reforçam outra perspectiva ao falarem dos casos de mulheres que rompiam com a relação matrimonial e buscavam uma vida autônoma. Apesar de moralmente

¹ Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho>.

marginalizadas, essas mulheres não deixavam de impressionar pelas estratégias e ações que determinavam a sua sobrevivência em um mundo tomado pela figura masculina. Assim, já se percebe o início de sua luta pelos seus ideais (TELES 1999). Nessa conjuntura,

No ambiente doméstico, também podemos ver que a influência feminina poder ser vista no trato com a criadagem ou, até mesmo, na negociação de direitos e tarefas a serem delegadas ou permitidas pelo marido. Além disso, relatos fantasiosos conferiam poder a mulheres capazes de fabricar poções mágicas, invocar orações secretas, rogar pragas ou determinar a cura de doentes. Sendo assim, vemos que o lugar da mulher no ambiente colonial foi mais diverso do que talvez possamos pensar. (SOUSA, s.d.)²

As mulheres europeias presentes na colônia eram muito maltratadas e não tinham nenhum poder de decisão, não podiam sair para a missa nem para outro lugar, viviam presas reprimidas, não apenas pelos esposos, mas também pela sociedade. Isso ocorria por que, nessa época, o poder de decisão da sociedade era privilégio dos homens, e a mulher da classe dominante deveria ser boa esposa e mãe, além de subalterna a seu esposo. Caso apresentasse algum comportamento desviante, quando menina, ou não encontrasse pretendente para se casar, era enviada para conventos, como forma de segregar-lhe (TELES 1999).

Essas questões ainda têm reflexo na sociedade atual, pois encontramos muitas mulheres que, sobretudo as de idade mais elevada, convivem com maridos autoritários e ditadores. Por terem sido criadas especialmente para cuidar da casa, dos filhos e do marido, mostram-se submissas a uma criação direcionada aos cuidados do lar. Carregam esse estigma desde o século XVI, quando eram treinadas a serem boas esposas, aprendendo “a lavar, cozer e fazer renda” (TELES, 1993, p. 19), sem direito a fazer leitura, escrita e contas, pois isso eram coisas restritas aos homens. Esse é um fato importante de ser analisado, visto que as mulheres eram educadas para serem mulheres do lar e não instruídas de conhecimento, o qual era privilégio dos homens da época.

As mulheres, para buscarem um pouco de conhecimento da escrita, precisavam entrar para o convento e apenas poucas delas sabiam como escrever, pois, como a educação era responsabilidade da igreja católica, dizia-se que “Adão foi induzido ao pecado por Eva, e não Eva por Adão. É justo que aquele que foi induzido ao pecado, seja recebido como soberano” (TELES, 1993, p. 19-20). Tal verdade cristalizada proporcionou, logo, a manutenção de distinções sexistas.

No século XVII e XVIII, os homens se organizavam para buscar pedras e metais preciosos e percorriam, nessa busca, meses e até anos. Com eles levavam suas escravas para

² Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/a-mulher-no-mundo-colonial.htm>.

“servi-los na cama e na mesa” (TELES, 1993, p.24), enquanto suas esposas ficavam em casa aguardando submissas seu retorno. Uma exceção foi o caso de Maria Dias Ferraz, a qual acompanhou seu esposo, mas morreu após receber uma flechada, ficando conhecida como a “Heroína do Capivari”.

No século XIX, as mulheres começaram a reivindicar por mais educação, já que só podiam aprender as quatro operações e nunca níveis elevados de ensino, destinados somente aos meninos. As professoras da época ganhavam bem menos que os homens, mas eram de certo modo obrigadas a aceitar os empregos, pois eram valorizadas como formadoras de pessoas para uma sociedade. Logo, podemos notar que este ponto ainda não se modificou, isso porque vemos uma desvalorização dos profissionais da educação, sobretudo as mulheres, os quais não foram reconhecidos pela sua real importância de formação de indivíduos (TELES 1999).

No Período Colonial, a educação da mulher era no lar, voltada especificamente para as atividades domésticas. Somente em meados do século XIX a participação feminina iniciou-se, timidamente, pois os colégios destinados a mulheres eram particulares. Assim, a educação feminina no Brasil teve início em colégios particulares, a exemplo do "Colégio Florence" (destinado especificamente à mulher), em Campinas, fundado em 1863, por uma imigrante alemã, Carolina Krug Florence, e por seu marido Hércules Florence. Os ensinamentos desse colégio, em especial, transcendiam a preocupação com os conteúdos das disciplinas, mesmo porque as que envolviam cálculos eram permitidas somente para homens. A maior preocupação da escola era a de que as alunas aprendessem a se comportar na sociedade e a respeitar o outro. Não era o foco desse processo educacional a inserção das mulheres no meio social, mas mostrar-lhes que seu lugar era dentro dos lares.

Com as mudanças que aconteciam na sociedade, as mulheres começaram a lutar mais, buscando alterar o papel que elas tinham na sociedade, de submissas. Poucas delas falavam em público como Maria Amélia, uma das poucas a discutir sobre a abolição. Maria Amélia, m culta e inteligente, nasceu no século XX, uma época na qual as mulheres tinham como obrigação serem classificadas como as “rainhas do lar”. Ela, à frente de sua época, frequentava, às escondidas, o Clube do Cupim, fundado no ano de 1880 com o propósito de alforriar, defender e proteger os escravos (VAINSENER, 2011).

Outra mulher importante na época foi Nísia Floresta, mulher com muito pulso, que defendeu a abolição e propôs a educação para as mulheres. Ela publicou livros e fundou um

colégio, apenas para meninas. Foi morar na Europa, onde se tornou adepta do positivismo, e morreu na França.

Narcisa Amália, admiradora de Nísia e professora primária, também teve destaque por fazer participação na imprensa, onde chegou a escrever um jornal Feminista. Ela foi muito criticada por denunciar a situação das mulheres que eram escravizadas. Além dela, Chiquinha Gonzaga, primeira compositora popular brasileira, ainda no período do império, foi uma mulher que lutou pelo que acreditava e teve participação ativa na política, sendo contra o regime monarquista (TELES, 1999).

Ou seja, a mulher nesse período passou por diversas situações para ser reconhecida como “igual”. Uma de suas primeiras lutas foi travada a fim de obter o acesso ao meio educacional, isso porque só tinha direito a aprender as quatro operações básicas, pois, se aprendessem mais que isso, começaria a pensar mais em seus direitos. Seus deveres eram para com os homens de suas casas: pais e maridos. Então, suas lutas prosseguiram, passando por cada período e deixando suas marcas. Cada momento tendo seus pontos mais fortes. Como podemos ver na política.

2.3 A mulher na república

A respeito da atuação da mulher durante a República, é importante ressaltar que na antiga República havia discriminação não só em questões políticas, mas em qualquer outra. Isso porque, nessa época, o homem possuía muito mais prestígio que a mulher. As mulheres restringiam seus talentos a cuidar da casa, cozinhar e cuidar dos filhos. Isso era o pensamento da população nessa época.

2.3.1 A Primeira e a Segunda República

O Brasil nesse tempo ganhou face nova, pois muitos estavam em busca de melhorias trabalhistas, e a mão-de-obra de então era assalariada. A abolição, que era para ser algo positivo, levou muitos negros a se marginalizarem, pelo fato de serem mal remunerados (TELES 1999). A mulher negra que conseguisse garantir para sua família a sobrevivência era considerada uma mulher dominante, pois lutava igualmente com os homens. Apesar disso, não tinham seu salário mensal.

Em 1906, em Jundiaí/SP, houve um movimento em prol da melhoria salarial, protagonizado por tecelões de uma fábrica que entraram em greve e garantiram o benefício da redução da carga horária de trabalho: os homens reduziram para oito horas e as mulheres com nove horas e meia diárias de trabalho. Em 1907, tornaram a fazer a greve, mas dessa vez a maioria dos manifestantes eram mulheres lutando pelo direito da jornada de oito horas. Nesse momento, algumas classes trabalhistas conseguiram esse benefício, exceto as costureiras. Em 1917, houve uma greve em São Paulo devido à morte de um operário, e, com isso, conseguiram abolir o trabalho da mulher e de menores à noite. No ano de 1919, não apenas em São Paulo, mas também no interior, houve greve novamente, pedindo igualdade salarial e igualdade de trabalho, mas novamente foram reprimidos (TELES 1999).

Na década de XX, por volta de 1922, surge a “*Federação Brasileira pelo progresso feminino*”, que veio exigir, além do voto, muitas outras conquistas para as mulheres, tais como: prover a educação, assegurar garantias legislativas, entre outros. Um dos nomes atuantes nesse ponto é o de Berta Lutz, uma das que lutaram pelas conquistas femininas. Na Inglaterra, ela se interessou pela luta feminista, e, no Brasil, adentrou no meio político, mesmo com repúdio de outros candidatos, constituindo-se a segunda mulher a entrar na política brasileira (SOIHET, 2000).

Em 1924, as mulheres tem atuação na *Coluna Prestes*, movimento que buscava o voto, a defesa do ensino público, etc., no qual só faziam serviços de enfermagem, cozinha, entre outros serviços. No Rio Grande do Norte, em 1927, Juvenal Lamartine, presidente da Província, aprovou uma lei que autorizou as mulheres a votarem, e, em abril de 1928, 15 mulheres votaram, mas os votos não foram reconhecidos a nível federal (TELES, 1999).

Após a Revolução de 1930, a mulher teve, de fato, direito ao voto, com a ajuda de Carlota Pereira de Queiros, em 1934. Com essa conquista a mulher passou a lutar pela questão do trabalho, como reivindicações por maior licença maternidade. Dessa forma,

A extensão do voto às mulheres significava e significa, ainda hoje, o acesso aos canais de decisão, executivos ou legislativos e, nesses, a fundamental possibilidade de serem tratadas questões femininas, de serem legislados assuntos relativos às mulheres, a partir da ótica das mulheres, sejam referentes ao direito do trabalho, previdenciários, aos demais direitos sociais e culturais, da personalidade, de família, reprodutivos etc. Logo, para as mulheres, votar e poder eleger suas pares, ou mesmo candidatas homens comprometidos com as causas femininas, constituiu e constitui o direito político por excelência, aquele que lhes permite ter maior força e

legitimidade no encaminhamento, na justificativa e na defesa de projetos atinentes às mulheres (direitos específicos) e à sociedade em geral. (BESTER 2016, p. 330-331)³

Essa questão do direito ao voto foi o ponto chave para as mulheres serem mais ouvidas e respeitadas, pois no setor político não havia espaços para elas, isso porque eram consideradas como escravas. As mulheres em 1935 continuavam lutando, com a ajuda dos comunistas, para destruir o governo de Vargas, e muitas delas foram repreendidas. Mas, em 1937, o povo se juntou a elas para lutar por uma democracia, já que não queriam um governo ditador (TELES 1999).

Em 1947, no Rio de Janeiro, houve a criação do jornal *Momento Feminino*, editado por Arcelina Mochel, com representantes de 16 estados. Nesse mesmo ano é criada a Federação das Mulheres Brasileiras (FMB), que lutava contra a carestia de vida, entre outros pontos. Desde então se comemora o dia 8 de março com festa – Dia Internacional da Mulher e Dia das Mães. Em 1951, houve o primeiro congresso da FMB, com 231 mulheres de diferentes setores (TELES 1999).

No ano de 1952, aconteceu a primeira “Assembleia de Mulheres”, com representantes de nove estados, alertando sobre como era perigoso enviar jovens para a guerra na Coreia. Nesse mesmo ano, Elisa Branco foi presa, no dia 7 de setembro, por três anos, por carregar uma faixa na qual constava que era contra a ida dos jovens para a Coreia.

O presidente da época, Getúlio Vargas, tido como democrata, impediu que funcionassem as organizações femininas. Mas no ano de 1960 foi fundada uma liga feminina do estado de Guanabara, que oferecia cursos, palestras sobre corte e costura e enfermagem. Nessa época, houve muitos problemas com o custo de vida, que era muito caro, além de outros problemas. Mesmo assim, elas continuavam com a luta pela democracia em prol da paz mundial e reivindicavam pelos direitos trabalhistas e pelo fim das discriminações contra a mulher casada.

2.3.2 Na Terceira Republica e o Golpe – 1964 a 1985

Nessa época, as mulheres, domésticas e faveladas, foram iludidas pelas forças de direita a lutarem por um “Brasil Melhor” a favor do golpe e contra as reformas. Por não estarem organizadas de maneira autônoma e consciente, não foi difícil a manipulação. Com

³ Artigo intitulado “*A Luta Sufrágica Feminina E A Conquista Do Voto Pelas Mulheres Brasileiras: Aspectos Históricos De Uma Caminhada*”, do autor Gisela Maria Bester, disponível em: <http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/viewFile/907/pdf>. Acesso em: 25/07/2018.

essa situação do golpe, acelerou-se o capitalismo e estimulou-se o êxodo rural, o que ocasionou péssimas condições de vida e trabalhos sem segurança alguma, contribuindo, todavia, para o Brasil se tornar a oitava potência mundial (TELES, 1999).

Com isso, cresceram as periferias e os subúrbios sem nenhuma infraestrutura, aumentando a violência nas ruas. As escolas eram voltadas para o ensino técnico, para que os estudantes se voltassem rapidamente às indústrias, e assim crescesse o mercado industrial rapidamente.

Com o aumento exagerado da taxa de mortalidade e precariedade de suas condições de vida, as mulheres se viram na necessidade de irem à busca de trabalho, os quais eram, na maioria das vezes, também precários, pois recebiam pouco e trabalhavam exaustivamente, com jornadas de trabalho absurdas. As indústrias não disponibilizavam condições para que elas se desvinculassem das funções do lar, o que as levou a assumir uma jornada dupla de trabalho nas indústrias e nos lares.

Os empresários não admitiam mulheres grávidas nas indústrias, mas, se engravidassem, teriam que exercer duas funções, mesmo a lei exigindo que devesse haver creches e babás na empresa (o que não era cumprido). Isso levava as mulheres a abandonarem seus filhos para serem adotados ou em orfanatos, por não terem parentes próximos que pudessem ajudar. Com o desenvolvimento acontecendo tão rápido nas áreas tecnológicas e industriais, na década de 1970, com o auge do Brasil no milagre econômico, as mulheres foram levadas a trabalhar em áreas antes ocupadas pelos homens. No entanto, seus salários eram menores, mesmo que ocupassem as mesmas funções que eles (TELES, 1993).

O movimento do custo de vida foi popular e de massas, proferido por mulheres e por alguns setores de igreja, mas logo ficou sob a direção de políticos de esquerda, já conhecido como o movimento contra a carestia. Esse movimento se expandiu e fez com que as pessoas buscassem seus direitos em vários pontos, como moradia, escola, etc. (TELES, 1999). No ano de 1979, o povo foi às ruas em busca de assinaturas para que se congelassem os preços, aumentassem o salário e fizessem uma reforma agrária, entretanto, o General Figueiredo, presidente da República, declarou que eram falsas as assinaturas e não deu a mínima importância.

Todavia, as mulheres pioneiras desse movimento perceberam, em conversa, que o problema de sua casa era o mesmo da casa de suas vizinhas: a falta de condições, devido ao custo de vida muito alto. Então, reuniram-se para buscar uma solução durante o governo Médici, em meados de 1973, quando o movimento foi ganhando proporção. Dessa forma, no

ano de 1975, foi declarado o ano internacional da mulher. As mulheres fizeram a primeira carta para as autoridades, na qual reclamavam do custo de vida muito alto e relatavam pesquisas feitas apontando que, em uma casa onde havia cinco pessoas, apenas duas trabalhavam, e que, por isso, o salário só daria para cobrir os gastos com comida, gás e sabão, restando muito pouco. Os pais e as mães, para sobreviverem, trabalhavam dia e noite, sem praticamente ver seus filhos, que ficavam trancados em casa sozinhos (onde se machucavam, comiam sujeiras) ou ficavam nas ruas (trabalhando como engraxates ou vendendo bugigangas, sujeitos a virarem marginais), pois faltavam creche e escolas para ficarem. Assim, ao final da carta elas reivindicaram escolas para seus filhos, melhorias para seus salários e a baixa no custo de vida.

Esse movimento continuou crescendo, entretanto, devido ao envolvimento de outras instituições e sindicatos, liderados por homens, as reivindicações sobre as creches foram esquecidas. Com isso, as mulheres foram à luta nas ruas, em busca de assinaturas, e, mesmo às pessoas com medo de se prejudicarem, as mulheres falavam que era para o aumento do salário, o que os levavam a se encorajar e a assinar o documento.

Já no ano de 1968, teve início o movimento da Anistia Ampla, no qual as mães com seus filhos presos lutavam pela liberação deles. Para essa campanha foram definidos alguns pontos pela comissão: levantamento das mulheres que sofreram repreensão lutando por liberdades democráticas, denúncia das crianças que não tinham possibilidade de ter o registro de nacionalidade, e também campanha de assistência a presas políticas, ampliação das denúncias de casos com violência sexual, policial e em locais de trabalho, entre outros (TELES, 1999).

No ano de 1970, conquistou-se a lei que aprovava o divórcio. Logo mais, nos anos 80 se iniciaram as lutas contra a violência contra as mulheres, em que se dizia “os gêneros são diferentes, mas não são desiguais”. Em 1985, foi citada, no Conselho Nacional de Direitos da Mulher, uma nota para acabar com a discriminação e aumentar a participação das mulheres no meio cultural, político e econômico.

Voltando ao ano de 1975, Ano Internacional da Mulher, mesmo com a repressão, as mulheres foram à busca de seus direitos. Com o apoio das Organizações das Nações Unidas – ONU, elas deram seus primeiros passos para reivindicar a Anistia, quando foi propiciado às mulheres espaço para discussão e organização de seus direitos no meio social. Assim,

Graças ao desempenho das mulheres, 1975 tornou-se de fato o marco histórico para os avanços das idéias [sic] feministas no Brasil. Sob uma ditadura militar, mas com

o apoio da ONU, a mulher brasileira passou, então, a ser protagonista de sua própria história, em que a luta por seus direitos específicos se fundia com as questões gerais. Respondia de maneira forte aos anseios da época: de se expressar, de falar, de enfrentar e de agir. (TELES, 1999, p. 84 e 85)

Desse modo, o movimento feminista se iniciou nos Estados Unidos, porém se espalhou pelos demais países. Seu principal propósito era não só emancipar as mulheres, mas libertá-las da opressão a que as mesmas estavam à mercê (ALVES, 2013 p. 114).

Com isso, podemos observar que o feminismo vem sendo discutido, frequentemente, em revistas de grande circulação, nas rodas e redes sociais, nos ambientes acadêmicos, além de ser objeto de pesquisas desenvolvidas por instituições conceituadas, que buscam entender as modificações efetivas iniciadas no período moderno e que se estendem até a atualidade, consideradas como a era pós-moderna.

A emancipação feminina foi impulsionada pelas transformações sociais trazidas pela era industrial, quando a mulher foi convocada para o trabalho extradoméstico, tendo como consequência a revisão de todos os seus papéis tradicionais. No entanto, não foi só por necessidade do próprio mercado que a mulher foi absolvida e, sim, em decorrência das lutas das próprias mulheres e, especialmente, do Movimento Feminista, que, compreendendo a independência econômica como elemento essencial de inserção na sociedade, incentivou a entrada da mulher no mercado de trabalho, antes ambiente só dos homens.

Nesse contexto, há três pontos importantes que podemos citar do momento vivido pelas mulheres, em sua inserção no mercado de trabalho. O primeiro elemento marca a Teoria Social Moderna de que o gênero feminino deveria ser inserido no meio masculino para que houvesse a quebra da desigualdade entre os sexos.

O segundo elemento foi marcado pela entrada das mulheres na política, em que não buscavam uma identidade coletiva, mas eram sobrenomeadas por mulheres rurais, negras, católicas, etc. e isso mostrava o quão forte era esse gênero, na explicação dos sujeitos.

No terceiro elemento, mostra-se a emancipação da mulher e sua entrada na vida pública. Isso levou o Movimento Feminista a ser um movimento intelectual, social e moderno, que trouxe mudanças e avanços, logicamente com certos limites (TELES 1999).

2.4 As mulheres do novo século!

No final do século XIX, a preocupação das indústrias era apenas com seus lucros, deixando de lado as condições de trabalho, seus trabalhadores, entre outros pontos. O único

ideal dessas empresas era aumentar a produtividade, independentemente de como isso acontecesse ou de quem fosse o responsável para que isso acontecesse. Assim,

os industriais procuram convencer a sociedade da necessidade vital do aumento da produtividade do trabalho para construir a riqueza da nação por esses homens, mulheres e crianças que deveriam submeter-se sem nenhuma objeção. (RAGO, 2014, p. 33)

Dessa forma, os operários deveriam aceitar as condições impostas pelas empresas sem reclamar, pois não havia grande oferta de vagas de trabalho. Além disso, as condições às quais estes trabalhadores eram socialmente submetidos os levavam a não terem escolha de onde e em que trabalhar.

Atualmente podemos observar, especialmente na região do Cariri Paraibano e no município de Sumé, por se tratar de um município de pequeno porte⁴, que a oferta de trabalho é menor. Principalmente nesses tempos de crise financeira, muitas pessoas que literalmente necessitam ganhar seu sustento familiar, acabam se submetendo a diversas formas de subordinação para não perderem seu emprego como: trabalhar doente, salários inferiores ao exigido por lei, carga horária elevada, diminuição do período de licença maternidade, entre outros. Essas fatos se disseminam pelo fato da taxa de desemprego estar crescendo de forma desenfreada, como podemos ver segundo os dados do IBGE:

A taxa de desocupação do trimestre encerrado em março de 2018 chegou a 13,1%, com aumento de 1,3 ponto percentual em relação ao último trimestre do ano passado (11,8%). O total de pessoas desocupadas também cresceu no período, passando de 12,3 milhões para 13,7 milhões. Houve um aumento de 11,2% nesse contingente, ou mais 1,4 milhões de desempregados no país. (BENEDICTO 2018)⁵

Diante desse cenário consideramos que ainda falta mudar muitos aspectos organizacionais da sociedade. Houve avanços, sim, porém ainda há retrocessos, inclusive equiparando-se a época atual aos tempos da Revolução Industrial, em que as fábricas funcionavam como uma espécie de local de dominação de classe, nas quais os operários eram sujeitos a aceitar as imposições dos patrões. As empresas eram associadas “às imagens da prisão, do convento ou do quartel” (RAGO, 2014, p. 35). Ou seja, eles se sentiam presos, sem direito, e seu desejo era o de serem tratados como produtores de riquezas sociais, pois possuíam criatividade e saber próprio para desenvolver aquilo que mais sabiam.

⁴ Localizada na região do Cariri Ocidental, com população estimada de 16.957 mil habitantes, segundo dados do IBGE.

⁵ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20995-desemprego-volta-a-crescer-no-primeiro-trimestre-de-2018.html>.

Os trabalhadores eram reprimidos nas fábricas, em que tinham que agir conforme as condições que eram impostas pela sociedade burguesa, a qual só pensava em adquirir lucro, com regras que apenas beneficiavam o capital. O operário via a fábrica como um lugar que o aprisionava: não podiam conversar nem manter nenhum relacionamento, tanto amoroso como familiar.

Dessa forma, as lutas diárias dos trabalhadores em busca de melhorias levaram as mulheres a serem inseridas cada vez mais no mercado trabalho, pois elas tinham mão-de-obra mais barata e não lutavam contra a repressão. Assim, em meio às manifestações do proletariado, podemos notar a inserção da *mulher*, que teve a bandeira, de luta em seu favor, levantada por vários libertadores. Então,

Sem dúvidas, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como *são* ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, “de apoio”, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas a assistência, ao cuidado ou a educação. (LOURO 1999, p. 17)

Ao mesmo tempo em que ela pensava ser lançada nessa esfera de mãe e dona de casa, a mulher era preparada para ser submissa, doméstica, e não para exercer profissão. As lutas que as mulheres travavam, na época, eram registradas sob o olhar masculino, que por muitas vezes encobria diversos fatores importantes. Isso porque não se queria mostrar a figura da mulher como a de uma “Super-Heroína”.

Desde o surgimento da humanidade, é possível ver a existência da desigualdade entre homens e mulheres, já que as mulheres eram proibidas de votar, frequentar escolas e igrejas, trabalhar, entre outros. Assim, o processo de construção da cidadania feminina percorreu um longo trajeto até chegar aos dias atuais. E, como todo processo de construção, elas sempre estavam em busca de melhorias de vida, de trabalho e de condição social, como podemos ver neste editorial do Jornal *Brasil Mulher*, publicado em sua primeira edição:

Não desejamos nos amparar nas diferenças biológicas para desfrutar de pequenos favores masculinos, ao mesmo tempo que o Estado, constituído de forma masculina, deixamos um lugar só comparado ao que é destinado por incapacidade de participação ao débil mental.[...] Queremos falar dos problemas que são comuns a todas as mulheres do mundo. Queremos falar também das soluções encontradas aqui e em lugares distantes; no entanto queremos discuti-las em função de nossa realidade brasileira e latino-americanas. [...] Queremos usar a inteligência, informação e conhecimento em função da igualdade e, desde já, a propormos, como igualdade entre homens e mulheres de qualquer latitude. (JORNAL BRASIL MULHER, 1ª ed. 1975 apud TELES 1999, p. 87)

O que a publicação quis reforçar foi a ideia de que as mulheres começaram sua luta a favor de uma igualdade não baseada na questão biológica. Queriam, de fato, que houvesse uma sociedade que pudesse dar direitos a todas as pessoas, tanto homens como mulheres, independente de localidade, religião e raça. Isso continua sendo o objetivo, visto que, por diversas vezes e em diversos lugares, essas reivindicações e queixas ainda são notadas pelas mulheres. Vemos que a maioria das vagas de emprego, ofertadas e atuantes em nossa região, são dedicadas mais para homens devido ao tipo de trabalho ofertado.

Assim, criou-se o pressuposto de que as mulheres são frágeis e não servem para determinadas situações, e, com isso, se apresentam vários entraves, determinados por uma sociedade repressora, que mostrarão que a mulher “não pode” assumir tal profissão. Entretanto, ao longo da trajetória feminina para alcançar seus direitos, vários estudiosos se uniram a favor da causa, como Rago e Louro, a qual afirma que

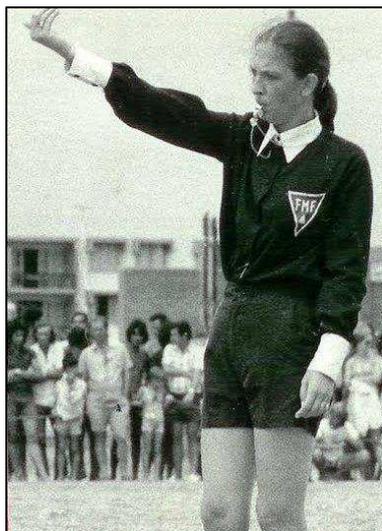
Os Estudos Feministas estiveram sempre centralmente preocupados com as relações de poder [...] inicialmente esses estudos procuraram demonstrar as formas de silenciamento, submetimento e opressão das mulheres. A exposição dessas situações parece ter sido indispensável para que se visibilizasse aquelas que, histórica e lingüisticamente, haviam sido negadas ou secundarizadas. (LOURO, 1999, p. 37)

Os meios de comunicações diariamente trazem relatos de mulheres sendo submetidas a vários tipos de torturas: assédios sexuais, violência física, moral e verbal, pressão psicológica. Inclusive, muitas dessas mulheres são assassinadas por colocarem um fim em um relacionamento, fato que não é aceito pelo parceiro, violando assim tantos anos de lutas e desafios para preservar os direitos adquiridos.

Compreende-se que muitas delas ainda estão acalentadas em seus lares, submissas ao machismo impregnado na sociedade patriarcal, sendo ainda vistas como o sexo frágil. Não se pode deixar de destacar que uma parcela dessas mulheres se sentiu mais segura e respeitada, mas falta muito para conquistarmos tal equilíbrio entre gêneros dentro de uma sociedade tão machista, de valores enraizados entre tantas culturas, cujo centro figura o homem como “o provedor, o macho”.

Um grande exemplo que podemos citar acerca do progresso feminino é o meio esportivo, meio antes ocupado e dominado unicamente por homens. Até mesmo, por muito tempo, usou-se a assertiva “futebol é coisa de homem!” como uma verdade cristalizada. Porém, hoje vemos mulheres desempenhando muito bem a profissão/esporte, como: Marta e Danielle – jogadoras de futebol –, e Léa Campos – primeira árbitra de futebol.

Foto 1 – Léa Campos: primeira árbitra de futebol



Fonte: <https://historiadosporte.wordpress.com/2014/12/14/a-primeira-arbitra-de-futebol-credenciada-pela-fifa-e-brasileira/>

Léa Campos (Asaléa de Campos Micheli) nasceu em Belo Horizonte no ano de 1945. Em plena Ditadura Militar formou-se árbitra pela Federação Mineira de Futebol e, com isso, mostrou-se contra os papéis de gênero estabelecidos como adequados para aquele contexto cultural. Diplomada em Educação Física e Jornalismo, teve muito trabalho para ter o reconhecimento de seu diploma pela FIFA, o que se deu apenas no ano de 1971. Léa buscou apoio de diferentes modos para alcançar seu sonho de ser árbitra de futebol, recorrendo, inclusive, ao então presidente da época, Emílio Garrastazu Médici, que, ao recebê-la, assinou uma carta autorizando-a a atuar. Após isso, arbitrou em diversos estados e até em países da Europa e as Américas⁶.

Somente uma pequena parcela dessas mulheres está engajada em diversos movimentos sociais, assumindo trabalhos importantes, inseridas nos mais diferentes tipos de participação social, sendo a presença dela na política um dos exemplos bem marcantes deste século.

Como exemplo dessa luta, podemos citar a primeira presidente brasileira, Dilma Rousseff, que nasceu em 14 de dezembro de 1947, em Belo Horizonte (MG). Criada em um ambiente de classe média alta, iniciou seus trabalhos políticos ainda no Ensino Médio, quando participou dos movimentos estudantis, lutando contra a ditadura militar, na época tinha apenas 16 anos. Durante este período participou de vários grupos contra a ditadura, todos com orientação marxista.

⁶ Fonte: <https://historiadosporte.wordpress.com/2014/12/14/a-primeira-arbitra-de-futebol-credenciada-pela-fifa-e-brasileira/>. Acesso em: 30/05/18.

Dilma era responsável por dar instruções sobre o socialismo, planejar ações, guardar armas e documentos. Apesar de não ter participado de lutas armadas, Dilma foi julgada por um tribunal militar sob a acusação de subversão por discordar publicamente da ditadura. A punição teve como base o decreto n.º 477, do AI-5. (Ato Institucional n.º 5) (BEZERRA, 2017)⁷

Por isso foi presa por dois anos, em São Paulo, período em que sofreu diversos tipos de torturas. Depois que saiu da prisão foi morar em Porto Alegre. No ano de 2003, foi escolhida para ocupar o cargo de Ministra de Minas e Energia do governo Lula e, em 2005, passou a ocupar o cargo de Chefe da Casa Civil.

A sua candidatura à presidência da República foi lançada em julho de 2010, vindo a assumir a presidência aos 63 anos. Sua trajetória em meio ao palácio do Planalto seguiu de 2011 até 2016, quando, a partir de vários ataques dos seus próprios aliados, foi acusada de improbidade administrativa pelo Congresso dos Deputados. Foi aberto, então, um processo de impeachment, aprovado no dia 31 de agosto do mesmo ano. Dilma foi afastada já no primeiro semestre de 2016.

Com essa trajetória, cheia de altos e baixos, Dilma representa uma das conquistas lutadas pelas mulheres, para possuírem os mesmos direitos que os homens e alcançar altos cargos em todos os meios sociais. Pode, inclusive, ser sinal de alegria para as mulheres, ao perceberem que suas lutas não foram em vão e que a cada dia estão ganhando seu espaço, por seus próprios méritos. Esse processo contra a ex-presidente pode ser analisado como um retrocesso ou, até mesmo, uma forma de se barrar os avanços que as mulheres já conquistaram até aqui.

Todo esse trabalho, lutas e conquistas são de grande valia para o avanço que as mulheres tiveram ao longo de anos de engajamentos e batalhas travadas, mas não param por aí, os desafios continuam com manifestações pelos mais diferentes grupos sociais.

No entanto, podemos observar que as mulheres ainda estão presas aos seus lares, pois, mesmo trabalhando fora, elas permanecem com seus pensamentos no lar. Podemos, então, questionar: será que as mulheres conseguiram ganhar totalmente sua liberdade, como tanto lutaram?

Assistimos ou escutamos nos meios de comunicações, todos os dias, da mudança que houve em relação as mulheres, no seu papel, tanto no lar ou fora dele, mas apesar das mudanças, a mulher quando sai de casa logo cedo para o trabalho, não

⁷ Artigo publicado site <https://www.todamateria.com.br/dilma-rousseff/>, Com o título “Dilma Rousseff”, em 29/11/17. Por Juliana Bezerra.

consegue desligar seu pensamento da “família”, pois, tem ela como seu bem maior, e reconhecendo as mudanças que houve ao longo de tantos anos. (MARTINI 2015)⁸

Analisando todo esse trajeto percorrido pelas mulheres, constatamos que o lar, o qual deveria ser o lugar de aconchego e prazer para elas, torna-se o oposto, depois de um dia de trabalho, muitas vezes bem cansativo e desgastante. Mesmo passando por essas situações, muitas dessas mulheres não deixam de buscar e lutar por seus sonhos, buscando cada dia mais ser dedicadas ao trabalho e ao lar e renovar suas experiências de vida.

Porém, ainda podemos ver que muitas mulheres deixam de ir à busca de experiências profissionais para se dedicarem ao seu lar. Deixam de lado, muitas vezes, seus sonhos, coisas pelas quais muito lutaram. Esse poderia ser o exemplo da primeira-dama do nosso país, Marcela Temer, que, em reportagem publicada pela *Veja*, apresenta sua escolha de ser apenas do lar.

A reportagem inicia contando que Marcela (32 anos) e Michel Temer (75) estão casados há cerca de 13 anos, numa relação intacta e durável, mesmo com a situação civil pela qual o país está passando, na qual Temer encontra-se envolvido. Mãe de um menino de sete anos, Marcela é formada em Direito, porém nunca exerceu a profissão.

Para denominá-la, a revista utilizou o termo “*vice-primeira-dama do lar*” pelo fato dela estar inteiramente dedicada aos afazeres da casa, do marido e do filho, além de sempre reservar um tempo para se cuidar. A vice-primeira-dama, segundo a reportagem, não é de aparecer em público, poucas vezes foi vista com seu marido, é sempre discreta ao se vestir, pois gosta de roupas em cores claras e vestidos até os joelhos. Por fim, a reportagem se encerra com a seguinte frase: “*Michel Temer é um homem de sorte*”.

Após a publicação dessa reportagem, muitas mulheres se sentiram inteiramente ofendidas, pois a figura da vice-primeira-dama foi apresentada com um modelo a ser seguido pelas demais: uma mulher que deve estar sempre à sombra do seu marido, nunca à frente, nem mesmo a seu lado, de igual para igual.

Isso traz a sensação de que todas as lutas que as mulheres travaram para conseguir alcançar seus direitos ao longo da história estivessem sendo deixadas para trás. O fato gerou uma revolta nas redes sociais, quando mulheres começaram a publicar diversas fotos, mostrando que as mulheres podem ser muito mais que o modelo apresentado na reportagem,

⁸ Artigo intitulado “Mulher do século XXI: conquistas e desafios do lar ao lar”, de Méry Terezinha Martini e Fernanda Souza, publicado em 2015.

afirmando que Marcela não as representa perante a sociedade. Como podemos ver na imagem abaixo:

Foto 2 – Analisando a figura da mulher



Fonte – Imagem retirada do Facebook.

Nesse protesto nas redes sociais, algumas mulheres, em suas publicações, usaram a Hashtag *#belarecadataedolar* como forma de revolta e protesto, em postagens contendo fotos em diversas áreas trabalhistas, antes “apenas dos homens”.

No entanto, é preciso analisar a situação de forma mais neutra, visto que a reportagem mostrou um perfil de mulheres – mesmo sendo poucas – que dedicam sua vida inteiramente ao lar, aos filhos e aos seus maridos. Esse fato não pode ser visto como certo ou errado, pois é apenas uma opção de vida, da mesma forma que muitas dedicam cada segundo para a realização de seus sonhos, de sua realização profissional, sem deixar de lado sua vida familiar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Metodologia

Este trabalho refere-se a uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, com utilização de técnica de entrevista temática com base na reportagem da revista *Veja* intitulada “Bela, Recatada e do Lar” como ponto de contraposição entre o modelo idealizado de mulher e a mulher da vida real, que ao longo do tempo conquistou espaços no mercado de trabalho.

A pesquisa ancorou-se na Teoria das Representações Sociais de Moscovici, apresentada em Almeida (2009), a qual

Articula as RS (representações sociais) com uma perspectiva mais sociológica, enfatizando a inserção social dos indivíduos como fonte de variação dessas representações. Nesta direção, é evidente o objetivo dessa abordagem em conectar o indivíduo ao coletivo, de buscar a articulação de explicações de *ordem individual* ao coletivo com explicações de *ordem societal*, evidenciando que os processos de que os indivíduos dispõem para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais (interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais. (ALMEIDA 2009, p. 719)

Assim, é necessário analisar os comportamentos sociais, especialmente coletivos, para que se possa chegar a uma análise individual. Esta é, portanto, a proposta de nosso trabalho, analisar esses comportamentos.

3.2 Local da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada no município de Sumé, município que compõe a região do Cariri Ocidental paraibano, situado a 298 km da capital do estado.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na realização do último Censo em 2010 o município contava com 16.060 habitantes e uma área territorial de 838,1 Km². O instituto ainda faz uma estimativa de que em 2017 a população seria de 16.957 habitantes.

3.3 Participantes da pesquisa

A amostra da pesquisa foi formada por dez mulheres trabalhadoras do comércio local. O critério para essas mulheres participarem da pesquisa, logo, era estarem empregadas e, assim, conhecerem o mercado de trabalho local.

As entrevistadas concordaram em participar de forma voluntária da pesquisa, sem receberem nenhum tipo de remuneração para esse fim. Além disso, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que garante que os dados só serão divulgados com fins científicos e o anonimato das mesmas. O Termo de Consentimento consta do Apêndice A.

3.4 Coleta de Dados

Para a coleta de dados foi utilizado um Roteiro de Entrevista contendo quatorze (14) perguntas, conforme modelo no Apêndice B.

No processo de coleta de dados foi lido o Termo de Consentimento, o qual foi assinado pelas mulheres que aceitaram participar, e logo após foi realizada a entrevista, que foi gravada em aparelho para gravação de voz.

3.5 Processo de Análise dos Dados

Após a realização das entrevistas foi realizada a sua transcrição. Em seguida, foi realizada a listagem das respostas e sua separação por blocos temáticos a fim de facilitar a exposição dos dados.

Ainda, na fase de análise dos dados, utilizou-se a Teoria das Representações Sociais de Moscovici para analisar os dados.

3.6 Posicionamento ético da pesquisa

Visando garantir o anonimato das entrevistadas e o rigor científico quanto à coleta e à análise dos dados, esta pesquisa adotou como procedimento ético aqueles preconizados pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, desde a Elaboração de Projeto de Pesquisa, passando pela Adoção de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os entrevistados e, por fim, pela apresentação dos dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta etapa do trabalho, nos propomos a apresentar o resultado das entrevistas, em que cada mulher entrevistada discorre acerca da inserção da mulher no mercado de trabalho atual com base em suas vivências nesta área específica.

As participantes foram escolhidas a partir de um principal critério: estarem inseridas no meio comercial – lojas, supermercados, lojas de material de construção, óticas, entre outros. Com isso, pudemos observar como cada entrevistada analisa o papel da mulher no mercado de trabalho, além de levantar se há preconceito em cada área atuante.

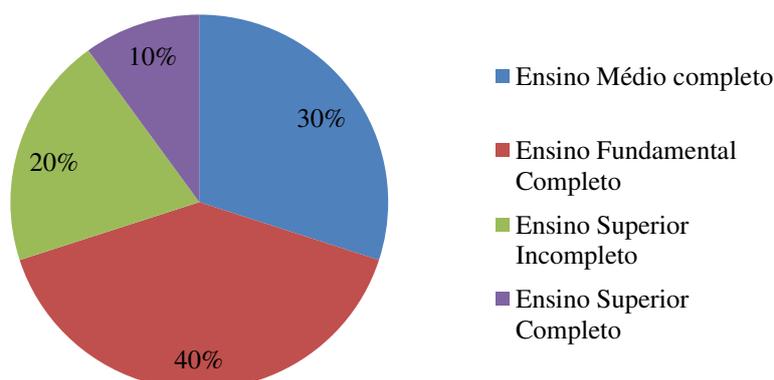
Os dados sociais permearam o rol da faixa etárias, escolaridade, atividade laboral, entre outros pontos.

Tabela 1 – Faixa Etária

Faixa Etária das Mulheres Entrevistadas	
IDADE	PORCENTAGEM (%)
De 20 a 25 anos	20 %
De 25 a 30 anos	30 %
De 30 anos acima	50 %

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, das entrevistadas, 70% delas são, em sua grande maioria, mães de família ou já responsáveis por seus lares. Das mulheres apresentadas a grande parte não concluiu totalmente seus estudos:

Gráfico 1 - Escolaridade

FONTE: Dados da própria pesquisa

Apesar de não termos questionado as entrevistadas a respeito dos motivos que impediram a continuidade dos estudos, podemos inferir, de acordo com os dados e a literatura sobre o tema, que elas optaram ou foram obrigadas a não concluírem seus estudos por uma necessidade econômica, ou até mesmo para manterem o sustento regular de seus lares. Isso porque, mesmo estando em uma região de interior de estado, onde o custo de vida é mais barato, a necessidade por emprego muitas vezes fala mais alto. Então, muitos empregadores aproveitam essa situação para abusar de seus critérios de seleção de emprego.

Como forma de distinguir mais facilmente as falas de cada entrevistada e também zelar por seu anonimato, utilizaremos como método de identificação uma sequência alfabética escolhida aleatoriamente (A,B,C,...). Analisaremos as perguntas conforme a ordem da entrevista: são quatorze questões elaboradas conforme o tema da pesquisa, a fim de saber como cada mulher se vê tanto no ambiente de trabalho como também no sentido mais amplo de mercado de trabalho.

Inicialmente, levantamos o questionamento acerca da imagem da mulher ao longo do tempo. Haveria alguma mudança nos papéis femininos de antes em relação aos de agora? De uma forma unânime, todas responderam que as mulheres vêm mudando ao longo do tempo, de forma positiva, levando-as a conseguirem mais espaço na sociedade, embora ainda haja preconceitos.

É certo que as mulheres não tinham os mesmos direitos que possuem hoje, visto que eram e ainda são, prioritariamente, preparadas desde crianças para serem mulheres do lar.

Eram instruídas a cuidar dos afazeres da casa: aprendiam a cozinhar, limpar casa, cuidar dos filhos e do marido. Olhando por esse mesmo ângulo, podemos perceber que nos dias atuais esses comportamentos perduram: quando uma menina nasce elege-se o cor-de-rosa, lindas bonecas ou coroas de princesa; quando crescem um pouco, as meninas são incentivadas a brincar de casinha, cuidando das bonecas como se fossem suas filhas, de panelinhas e fogõezinhos. Ora, tais brincadeiras ainda reproduzem o papel destinado à mulher:

Além das atividades do lar [...] cabia ainda à mulher tarefas como a fiação, tecelagem, rendas e bordados e o cuidado com o pomar. Muitas vezes a mulher branca foi descrita como indolente e preguiçosa. De qualquer modo, o fundamental era que ela se colocasse de forma subalterna em relação ao homem, aceitando passivamente o que lhe fosse determinado (TELES, 1999, p. 19).

Ou seja, as mulheres deveriam sempre estar à sombra de seus maridos, exercendo o papel de submissas e por muitas vezes escravas. Em determinadas situações chegavam (e chegam) a exercer mais funções do que os homens: cuidar da casa, bordar, tecer, cuidar de pomar, etc., contudo, não eram valorizadas.

Após essa reflexão, como a maioria das entrevistadas respondeu que houve mudanças nos papéis femininos, questionamo-nas sobre a distinção entre a imagem da mulher antes e a de agora. De forma mais específica, elas puderam opinar que antes a mulher era vista apenas como uma pessoa submissa aos maridos: não podiam trabalhar, estudar, até mesmo sair de casa. Porém, hoje, essas mulheres estão cada vez mais inseridas na sociedade: tanto no meio econômico, como político e educacional. Isso podemos ver, a partir do ponto de vista de duas entrevistadas, as quais apresentam respostas que nos levam ao mesmo posicionamento.

A mulher antes era uma mulher submissa, que não tinha opinião, ela não podia votar, não tinha cargo público, ou seja, era uma mulher que vivia à sombra de um homem. Hoje não, a mulher tem cargo social, ela tem altos cargos como, por exemplo, nossa ex-presidenta, né!? E outros exemplos que a gente vê, em grandes indústrias, grandes empresas a mulher está à frente. E hoje ela sai para trabalhar, ela não é aquela mulher que vive dentro do lar, cuidando dos filhos, ou seja, a imagem da mulher mudou ao longo do tempo (MULHER E, 36 anos).

Antes a mulher era vista como senhoras do lar não podiam exercer nenhuma profissão fora. Hoje o papel das mulheres é cada vez maior. A passos lentos, a sociedade foi aceitando a mulher, ocupando cada vez mais cargos importantes na sociedade. (MULHER C, 38 anos)

Através dos relatos das entrevistadas, pudemos analisar que hoje as mulheres possuem mais oportunidades de se desenvolverem, de expor suas opiniões ou de ocupar cargos mais

elevados em qualquer ambiente de trabalho. Dessa forma, lentamente a mulher vem ocupando aquilo que possui por direito.

Atualmente vemos mulheres ocupando diversos cargos – até mesmo os de grande confiança – em grandes empresas pelo mundo. Igualmente, vemos grandes mulheres ocupando altos cargos políticos, como nossa ex-presidente Dilma, ou Hillary Clinton, que foi a primeira ex-primeira dama a ocupar uma cadeira no senado americano. Também vemos diversas mulheres em escolas, operadoras de máquinas pesadas, como funcionárias públicas, entre outros cargos. E, com isso, constatamos claramente uma revolução das mulheres. Como falamos anteriormente, várias bandeiras foram levantadas a favor das mulheres, lutando por direitos iguais para todos, principalmente para as mulheres. Assim,

No campo dos dominados, também os anarquistas se preocuparam com a constituição de novas relações afetivas, com a fundação de um outro modo de organização familiar, com a emancipação da mulher e com a formação do homem novo, a partir de um projeto educacional próprio. Várias vozes se levantaram entre os libertários, defendendo os direitos da mulher, buscando conscientizá-la da importância de sua libertação numa sociedade machista e opressora, anunciando a possibilidade do amor livre, da maternidade voluntária, da igualdade de direitos entre os sexos, da eliminação da prostituição, a partir da construção de uma ordem social fundada na igualdade, na liberdade e na justiça social. (RAGO, 2014, p.87)

A mulher neste período voltava para o lar, porém com novos valores de como se comportar e de agir, até porque, com a modernização nas indústrias, levou-se a uma representação maior da mãe, dona de casa e também operária. E com base nessa descrição sobre as mulheres, podemos fazer uma relação com a pergunta número três: *Como você vê a transformação que a mulher vem passando na sociedade?* Esse questionamento nos leva a pensar sobre o assunto, porém requer um pouco de conhecimento acerca das lutas que as mulheres traçaram ou, ainda, uma vivência da própria situação.

Todas as entrevistadas responderam que a mulher pode e vem conseguindo exercer as mesmas funções que um homem exerce, pois elas possuem a mesma capacidade dos homens. Isso porque as mulheres não precisam dos homens para sobreviver, elas vão à luta, em busca de tudo a que têm direito. Ao mesmo tempo em que elas cuidam dos filhos e da casa, trabalham e conquistam seu espaço e, antigamente, não se via essa posição. Elas eram apenas pessoas que deveriam reter suas vidas aos cuidados do lar, sem os direitos que possuem hoje.

Na minha opinião a transformação é que a mulher exerce a mesma profissão que o homem mas as vezes o homem só porque e homem consegue ganhar mais que ela então não, tem que ser direitos iguais, só porque é mulher tem que receber o mesmo valor do homem, não é a mesma profissão? (MULHER D, 36 ANOS)

Segundo o ponto de vista das entrevistadas, as mulheres deram um grande salto em sua realidade, passando a fazer praticamente o oposto do que faziam, como podemos ver a partir do que uma delas mencionou:

E a mulher, ela evoluiu muito ao longo do tempo com as oportunidades no mercado de trabalho, as profissões que hoje uma mulher faz, tudo que um homem faz no mercado, quer dizer, a mulher pode ser caminhoneira, a mulher pode ser o que ela quiser, entendeu? (MULHER B, 30 ANOS)

Dessa forma, não se pode ter como verdade que as mulheres são um “ser frágil” ou que não servem para trabalhos pesados ou de outros tipos. Vemos muito, hoje em dia, mulheres que atuam como mecânicas, caminhoneiras, pilotos de avião, pedreiras, entre outras. Mostra-se, então, que elas deixaram de ser o “sexo frágil” de que tanto se falava. O desempenho de funções e atividades antes tidas como apenas masculinas foi facilitada pelo avanço tecnológico, haja vista que máquinas e ferramentas podem sublimar a diferença entre a força física feminina e masculina, auxiliando o trabalho das mulheres em “trabalho de homem”.

Dessa forma, podemos nos perguntar se as mulheres estão se desenvolvendo de forma satisfatória nesta inserção no mercado de trabalho. A grande maioria das mulheres entrevistadas afirmou que as mulheres vêm se desenvolvendo de forma satisfatória no mercado de trabalho pelo simples fato de que não precisam mais lutar para terem os mesmos direitos que os homens possuem, não precisam levantar bandeiras para que sua voz seja ouvida, como foi feito em anos passados. Não que as mulheres ainda não precisem lutar por seus direitos, mas algumas fronteiras e limites já foram superados.

Hoje, apesar de algumas mulheres estarem nos lugares que elas merecem por direito, sendo reconhecidas por isso, remuneradas por isso e sendo iguais aos homens, ainda representam um número pequeno em relação àquelas que sofrem exclusão e dominação. Dito isso, uma das entrevistadas respondeu que as mulheres não estão satisfeitas ainda com suas posições, como visualizamos a seguir:

Em tese sim, (risadas) digamos que ela não está satisfeita ainda com seu espaço diante do mercado de trabalho, devido às oportunidades que vêm aparecendo pra ela, e as dificuldades que vem aparecendo diante de sua trajetória. Essa busca do seu espaço, né, no mercado de trabalho. (MULHER F, 28 ANOS)

Ao falar “em tese sim”, observa-se que as mulheres estão satisfeitas de forma teórica, mas na prática ainda falta muito para que haja plena satisfação. De fato, muitas vezes acabamos agindo com naturalidade diante das divisões por gênero: o que uma mulher pode ou não pode fazer. Contenta-se com o “leque” de funções que a mulher pode desempenhar, deixando-se de lado aquilo que não lhes compete. Podemos dizer que as mulheres acabam se acostumando com aquilo, até porque “a mulher mais desprivilegiada em termos econômicos e sociais fica mais estritamente confinada à sua condição pelo consenso de que isso é ‘natural’” (MULLINGNS 1984 *apud* MARTÍN, 2006, p. 280).

Apesar dos direitos conquistados pela mulher ao longo dos últimos anos no mercado de trabalho, entre os quais a licença maternidade e a licença para aleitamento materno, ela ainda enfrenta alguns preconceitos, como foi relatado pelas mulheres entrevistadas. Quando se pergunta quem é a pessoa mais importante para a vida de cada uma, a resposta quase unânime é a figura da mãe. Porém, sabemos que essa figura (mãe) no mercado de trabalho não é tão valorizada, possuindo salários inferiores, limitação da carreira de trabalho, como também um dos principais fatores a se levar em conta nas seleções de vagas de empregos. Sobre isso, obtivemos o seguinte relato:

É interessante essa pergunta, porque atualmente um dos “preconceitos” novamente que eu vejo atualmente é o fato da mulher poder engravidar e ter que ficar ausente das funções de trabalho por um tempo, um determinado tempo. E isso é uma questão bastante frequente, principalmente no comércio, mas com relação ao desempenho da mulher em determinadas atividades, as funções já está mais que confirmado para toda a sociedade que a mulher tem, sim, muita capacidade (MULHER G, 28 ANOS).

A realidade é que a mesma lei que protege é a que faz com que o empregador fuja das mulheres, principalmente as mais jovens, na hora de escolher um novo funcionário. O empregador calcula os custos trabalhistas de uma possível gravidez, de uma licença maternidade e dos riscos de ter de ausentar-se do trabalho para cuidar dos filhos. Contudo, torna-se mais notável que a dificuldade da mulher no mercado de trabalho existe, independentemente de ser mãe, mas se agrava ainda mais com a maternidade.

Atualmente o discurso sobre a incapacidade da mulher ainda está em voga, na tentativa de impor a dominação patriarcal nos setores em que as mulheres já conquistaram espaços e direitos, como o caso do mercado de trabalho. Assim, contamos o discurso que defende que a mulher grávida passa a não render igual ao homem ou, até mesmo, render

menos em seu ambiente de trabalho. Esse discurso sempre volta à tona em períodos de recessão econômica, em que o desemprego é grande e os homens precisam “colocar” a mulher de volta ao ambiente doméstico para que eles possam ocupar o ambiente do trabalho fora de casa.

Outro elemento presente no discurso da gravidez como elemento de desvalorização do trabalho da mulher é o que situa a gravidez como uma enfermidade. E isso, muitas vezes, acontece porque a gestante necessita ir a consultas médicas, exames durante a gestação, entre outros cuidados necessários para o momento, a qual está passando. Assim, o cuidado, que está no campo da prevenção em saúde, passa a ser tratado como tratamento, o que já se situa no campo do recurso terapêutico aplicado à doença já instalada e, portanto, que necessita ser combatida.

As entrevistadas nesta pesquisa apontam que, com relação a tal ponto, o maior problema vem de seus colegas de trabalho, os quais fazem comentários que podemos apresentar como preconceituosos, dizendo, por exemplo: “*ela não quer mais trabalhar*”, “*está fazendo corpo mole*”, “*isso é frescura*”, entre outros. Advém daí pior parte, a licença-maternidade, a qual para muitos é tida como um momento de férias para as mulheres, quando as mesmas irão deixar seus trabalhos para se divertirem, ficar em casa “*sem fazer nada, só cuidando do filho*”. Ou seja, o papel de mãe passa a ser tido como umas férias do seu serviço, o que muitas vezes chega ao limite extremo, que é a demissão da funcionária, coisa ainda recorrente.

Mas não é só dessa forma que podemos ver o preconceito contra a mulher. Muitas vezes, elas até tentam ingressar em caminhos diferentes, tais como: mecânica, eletricitas, caminhoneiras, pedreira, etc., mas sempre vão ouvir que “*isso não combina*”. E por que não? Será que mulheres não podem ter capacidade laboral para essas atividades? Muitas vezes não veem apenas preconceito, mas sim intolerância contra estas possibilidades.

Bom eu acho assim, assim cargos que a mulher pode exercer e tem capacidade para exercer, ainda não exerce, como assim, mecânico, açougueiro, vários cargos que a gente vê que ainda existe preconceito, que o homem ainda acha que não é capaz de exercer. E a gente ver tantas mulheres no Brasil a fora, exercendo de açougueiro, de padeiro, de mecânico, entre outros, que a gente vê dessa forma o preconceito. Que o preconceito existe ainda sim! (MULHER E, 2018, 36 ANOS)

É, existe sim, infelizmente nós já estamos no século XXI, mas não muito homens que são... é... que tem uma mente aberta em relação a

isso, tem muito homens que não aceitam... é tipo uma mulher ganhar mais que ele, infelizmente. As vezes, hoje em dia tem varias profissões, e dentro dessas profissões as mulheres se encaixam perfeitamente. Então tem sim um pouco de preconceito, infelizmente eles não aceitam. (MULHER I, 38 ANOS)

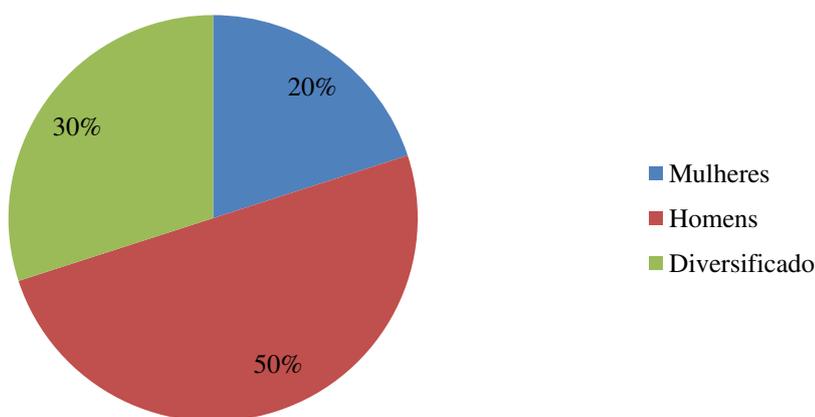
Em prosseguimento à pergunta sobre o preconceito, perguntamos para as mulheres se elas observam que as vagas de empregos são mais para homens ou mais para mulheres. As respostas foram diversas, algumas delas afirmaram que as vagas de empregos são bem diversificadas, pois podemos ver que ambos os sexos estão inseridos no mercado.

Não, eu acredito que, que já está bem igual, assim, que dependendo de que sentido seja, mas eu acho que já está bem, bem igualada assim (MULHER A, 39 ANOS).

Mas pra homens, eles alegam também na questão, tipo, tem algumas vagas que não são próprias para mulheres, devido a questão de carregar peso e tudo mais, e certo mais ai existe outras formas de você contratar ela para essa vaga, como ela, tipo, é... utilizando alguns métodos ou algumas maquinas que possam ajudar ela a fazer esse tipo de trabalho naquela devida vaga, que era para um homem. (MULHER F, 28 ANOS)

Contudo, algumas entrevistadas responderam que as vagas de emprego são mais para homens por diversos fatores, dos quais o principal é a força física. Segundo elas, as mulheres não são capazes de desempenhar as funções que requerem esse tipo de força. Com isso, podemos analisar o dado como uma forma de preconceito, ou seja, exclusão.

Gráfico 2 – Vagas de empregos



Fonte: Dados da pesquisa

Seguindo com as perguntas, foi questionado se elas possuíam emprego e se haviam demorado em consegui-lo. Todas possuem emprego, em diversas áreas do mercado de trabalho: mercadinho, padaria, loja de roupas, óticas, escritório de contabilidade, loja de móveis e loja de material de construção. E não houve rejeição pela parte do contratante, ao serem contratadas, de acordo com as respostas.

As questões seguintes procuraram saber se elas estão satisfeitas com o trabalho que possuem, com o salário que recebem e se percebem uma maior cobrança sobre elas em relação aos homens em seus trabalhos. Cerca de 90% das entrevistadas disseram que estavam satisfeitas com o trabalho que possuíam, pois estavam fazendo o que gostavam e eram remuneradas por isso. E apenas 10% falaram que não estavam satisfeitas com o trabalho em si, mas estavam satisfeitas porque estavam trabalhando e não desempregadas, algo que para nossa região se torna motivo de se submeter a diversos tipos de trabalho.

Uma delas relatou que não estava satisfeita com o trabalho que possuía porque os empregadores utilizavam do fato de nossa cidade ser um lugar pequeno, sem muitas chances de se conseguir um bom emprego, para fazerem de seus empregados quase como “escravos”, fazendo com que estes se sintam presos ao trabalho em que estavam inseridos.

Não (risos) é por que, bem, eu não sei se tem haver com a questão de mulher, mas a questão do mercado de trabalho, principalmente na região cariri, ela vem abarcando uma espécie de uma suposta escravidão escondida, pessoal a gente se submete, principalmente nós, não so a mulher, mas o pessoal ai, se submete a muita coisa devido a necessidade, e sim, a questão mulher, as mulheres que principalmente tem filhos se submetem a muita coisa aqui na região. E trabalham de forma ate impropria pra poder manter a questão financeira do trabalho dela, e tudo mais.(MULHER F, 2018, 28 ANOS)

Esse fato é bem importante a se avaliar, pois, se formos ver desse modo, as mulheres conseguem um emprego e passam a serem intimidados (direta e indiretamente) e explorados nesses locais de trabalhos, tanto por seus patrões ou até mesmo por outras pessoas que possuam um cargo mais elevado que o seu.

A grande maioria desses locais de trabalho não paga seus funcionários de uma forma correta, não respeita a questão da carga horária semanal de trabalho, entre outros pontos. E isso leva os funcionários a se sentirem submissos, pelo fato de não terem como (ou acharem que não podem) conseguir outro emprego.

Com relação à remuneração, 9 (nove) delas destacaram estar satisfeita com o salário de recebiam, pois não há distinção de valores, recebem pelo que trabalham, geralmente o salário mínimo. Em oposição, apenas 1 (uma) delas disse que não estava satisfeita com seu salário, pois notava que trabalhava mais que seus colegas homens, porém recebia a mesma coisa. Nesse caso, ainda vemos que as lutas que as mulheres traçaram, durante longos anos, não chegaram ao fim, pois a própria Constituição Federal diz que todos têm direitos iguais. Mas podemos ver que muitas pessoas se fazem de “surdas” e “cegas” nessas horas. Isso porque ainda vivemos em uma sociedade capitalista, onde o lucro está acima de tudo e de todos, não se pensa no respeito com o nosso próximo.

Já em relação ao fato delas serem mais cobradas que os homens, grande parte diz não ser cobrada mais que eles, pois foram contratadas para exercer funções diferentes dos homens, então, cada um é cobrado por aquilo que sua função pede. Apenas uma delas relatou que se sente mais cobrada que os homens. Já outra falou que nos locais de trabalhos pelos quais passou nunca trabalhou com homens, então com relação a esse ponto não poderia opinar.

A partir dos dados apresentados, constatamos que as mulheres estão buscando sua independência financeira e social, ainda lutando junto com aquelas mulheres que levantaram essa bandeira anos atrás. Porém ainda vemos que muitas mulheres optaram por não seguir esse mesmo caminho.

As mulheres estudaram, se especializaram, construíram uma carreira bem-sucedida, ganharam dinheiro e, como consequência disso, a possibilidade de comprar o que quiser, viajar e aproveitar tudo aquilo que almejavam quando lutaram durante tantos anos. E, após tantas conquistas, decidiram abrir mão de sua independência para se dedicarem aos cuidados do lar. Essa escolha não tem problema desde que, realmente, seja uma escolha e não uma imposição do homem.

Dessa forma, ao invés de saírem de casa para trabalhar, decidiram ficar em casa para se dedicarem aos cuidados dos filhos e do lar. Com isso, apresentamos para as mulheres um breve relato do artigo publicado na revista *Veja*, com o título “Bela, recatado e do lar”, sobre a vida da primeira-dama Marcela Temer, que abriu mão de sua carreira de advogada para se dedicar aos cuidados da casa e do filho, como podemos ver no ANEXO I,

E relacionada à reportagem, fizemos as seguintes perguntas: A mulher ainda deve estar à sombra dos homens? Qual sua opinião para esta posição de Marcela Temer?

A respeito da mulher ainda estar à sombra dos homens, observamos, a partir da reportagem, vir à tona um pensamento machista e também o esquecimento de todas as lutas

que as mulheres encabeçaram. É como se esse título da reportagem, mostrasse que as mulheres, para serem “belas, recatadas e do lar”, necessariamente devem estar à sombra do marido, sendo submissas.

Na realidade, desde o Golpe Institucional de 2016, em que Michel Temer assumiu a Presidência da República, um discurso misógino e machista vem sendo cada vez mais reinserido na sociedade e com ele um modelo de trabalhador, no caso o modelo masculino. Esse padrão pode ser facilmente constatado na composição de seu ministério, em que não existe nenhuma mulher Ministra da República, indicando que a mensagem a ser passada é a de que as mulheres fiquem em casa cuidando dos filhos, que os homens ficarão no ambiente público, cuidando do trabalho formal, dominando o mercado de trabalho e, com isso, minando a emancipação política e econômica da mulher.

Porém, a partir do ponto de vista das mulheres entrevistadas, esse paradigma é diferente porque uma mulher bela, recatada e do lar não precisa, necessariamente, viver 24 horas dentro de casa, levando o filho para escola e cuidando do marido. Ela pode ser bela, recatada e do lar, trabalhando fora também. Podemos constatar essa informação a partir da resposta de uma das entrevistadas, que ilustra a resposta das demais entrevistadas.

É... eu acho assim... que depois de tanta evolução de tanto as mulheres ter ido a busca de seu trabalho, do seu emprego, de... se infiltrar completamente na sociedade, em todos os ângulos, depois de tanta coisa, quando a gente vê uma reportagem dessa vê uma... uma atitude dessa a gente acha assim que é como uma regressão, como se tivesse voltando atrás de tudo aquilo que a gente correu atrás, mais como cada pessoa tem sua opinião sobre as coisas é... eu acho que na minha opinião, é... ela regrediu, mas foi uma opinião dela, uma opção dela, é... de voltar a ser só do lar, porque mesmo que a gente... trabalhe, estude, se forme, a gente não deixa de fazer as coisas do lar, só que não são mais a prioridade, a prioridade é que eu acredito em que a gente possa conseguir as coisas... sem ser a sombra de nada, nem de ninguém, sim, temos alguém que possa ser nosso companheiro, pra que a gente possa dividir, possa somar na verdade, mas... acredito que assim ela... essa reportagem é uma regressão a isso que tanto correu atrás até hoje, e que até hoje a gente ainda continua lutando pra que melhore cada vez mais (MULHER A, 39 ANOS).

Ao fazermos uma comparação com a forma como as mulheres eram tratadas antigamente, em seus locais de trabalho, antigamente as fábricas eram vistas como uma espécie de local de dominação, onde os operários eram sujeitos a aceitar as imposições dos patrões, pois imaginavam as empresas como “as imagens da prisão, do convento ou do

quartel” (RAGO, 2014, p. 35). Ou seja, nas fábricas eles não se sentiam pessoas fundamentais para o crescimento da empresa e de si próprios, não existia ali uma troca de favores: eu faço o que sei e gosto, e você me paga por isso. O desejo dos trabalhadores eram ser tratados como produtores de riquezas sociais, que possuíam criatividade e saber próprio para desenvolver aquilo que mais sabiam.

Hoje em dia observamos que em certos lugares a visão não é esta de prisão. Hoje em dia muitos trabalhadores fazem aquilo que gostam ou até se formaram para exercer tal função. Muitas universidades foram criadas pensando nesse ponto, de desenvolver pessoas construtoras de ações e de conhecimento. Contudo, um ponto a ser focado é que muitas pessoas fazem um curso superior em uma boa universidade, durante longos anos, se formam e depois não conseguem atuar em sua área de formação, não só por opção, mas por falta de oportunidades nestas áreas. Esse foi o caso de uma de nossas entrevistadas, formada em licenciatura em Ciências Sociais, mas que não atua na área, trabalha em uma padaria, fabricando bolachas. Uma de suas indignações é essa, de não ter a oportunidade de fazer aquilo para que estudou e de que gosta: ser professora:

Sou formada, mas eu não exerço minha profissão. Eu acho que a maioria das pessoas que se formam hoje elas não tem a oportunidade de trabalhar no que são formadas, entendeu? Aí elas vão procurar outras opções no mercado, as opções que o mercado oferece pra trabalhar (MULHER B, 30 ANOS).

Assim, milhares de jovens todo ano enfrentam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pelo Brasil a fim de buscar a entrada na universidade. Apostam na graduação para começar uma carreira. No entanto, muitos dos que pegam o diploma hoje não conseguem exercer sua profissão. E com tantos professores, administradores e advogados no mercado, muita gente ainda tem dificuldade de conseguir um bom cargo na sua área de formação. Às vezes opta-se por aceitar vagas que pedem apenas ensino médio.

Mas das mulheres entrevistadas, a grande maioria ou quase todas optaram por serem “mulheres trabalhadoras e do lar”, ou seja, vão ao serviço, passam praticamente grande parte do dia lá, mas não deixam de lado seus afazeres do lar. Fazem o oposto da postura de Marcela Temer, visto que estão em busca de uma boa qualidade de vida, buscando ser independentes. Estamos sempre vendo, principalmente nesta cidade, mulheres buscando seu lugar por direito, ou seja, que trabalham, cuidam da casa e dos filhos e estudam. Inclusive, as mulheres, mesmo

com seus afazeres diários, não deixam de se cuidarem esteticamente, isto é, não deixam de ser “belas”.

Podemos ver que a sociedade diariamente impõe padrões de beleza a serem seguidos. Estamos sempre vendo grandes propagandas nas quais lindas mulheres usufruem de produtos ou roupas. Porém, as mulheres não precisam seguir este padrão, e sabem disso, como podemos ver:

A mulher Bela, ela não precisa seguir um conceito de beleza que é imposto pela mídia, toda mulher precisa e deve se achar bela, independente de usar maquiagem, andar de salto, ou coisa desse tipo, porque a beleza vem de dentro (MULHER G, 28 ANOS).

De fato, podemos ver que nos meios de comunicação somos levadas a agir, pensar, se vestir, comprar ou, até mesmo, fazer diversas coisas, conforme as grandes modelos internacionais ou as atrizes de novela fazem, compram, usam, entre outros. Somos levadas a seguir padrões que a sociedade nos impõe, principalmente de beleza.

Muitas vezes somos taxadas por sermos mães, trabalhadoras e donas de casa. É como se não pudéssemos exercer nosso direito de escolha. Porém, devemos ter em mente que a partir do momento que nos deixamos levar por esses comentários, deixamos de lado nossas lutas, como mulheres independentes e resolvidas que somos. Lutamos por igualdade de direito sim, mas isso não quer dizer que deixaremos de ser “belas”, como diz a reportagem da revista *Veja*. Assim, agindo dessa forma, estamos levantando mais uma bandeira, que é a de termos a nossa devida igualdade de direitos, como podemos ver na citação da Constituição Federal:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988).

Entretanto, vemos em diversos lugares que esta lei não funciona, pois as mulheres deixam de ser contratadas por não conseguirem fazer o que os homens fazem – paradigma que soa em tom preconceituoso, pois a mulher pode e muito fazer qualquer coisa.

Em suma, consideramos, a partir das falas das mulheres pesquisadas, que as atitudes praticadas contra as mulheres não são classificadas como “preconceito” por elas, mas podem ser analisadas, sim, como uma forma de preconceito. Muitas vezes as mulheres são obrigadas a se doarem cada vez mais, de mostrarem cada vez mais sua capacidade no emprego que estiverem e ao mesmo tempo serem boas mães e boas donas de casa. Ainda observamos que as mulheres, ao serem colocadas em uma balança juntamente com os homens, para ocuparem

um cargo em determinada empresa, apresentarão menos pesos que os homens para ganhar a vaga, pois as mulheres, se forem jovens, sofrerão com o julgamento da maternidade, o que irá “atrapalhar” seu desempenho em seu trabalho.

Nesse quesito, julgamentos machistas muitas vezes vêm das próprias mulheres, quando surge aquele dilema de que as mulheres que engravidam terão que deixar seus trabalhos por algum período para seus tratamentos durante a gravidez, parto e pós-parto, além da amamentação e de toda a atenção que deve ser direcionada ao recém-nascido. Ou seja, terá que deixar seu serviço para isso. E em meio a isso muitas mulheres se veem obrigadas a escolher entre seu emprego ou os cuidados de seus filhos.

Porém, as que dividem seu tempo em todos estes pontos, enfrentam uma tripla jornada. Ou seja, cuidar da casa e dos filhos, se manter em seu trabalho e ainda conservar seus cuidados pessoais. O importante é que, mesmo assim, com tantas lutas, não deixam de batalhar para se desenvolver e se evoluir cada vez mais, tanto no mercado de trabalho como em suas vidas familiares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres passaram por diversas lutas para chegar até onde estão hoje. No entanto, é correto afirmar que ainda falta muito a ser alcançado, pois ainda existe preconceito contra a mulher no mercado de trabalho: falta de vagas de emprego, remuneração irregular, desvalorização da mão de obras, entre outros pontos.

Contudo, podemos ver que, até o presente momento, houve muita superação e luta das mulheres para chegarem onde estão hoje, afinal, a caminhada não foi fácil, e sim árdua. Essas lutas não podem ser esquecidas, pois lutamos por nossos direitos durante o período colonial, quando as mulheres eram tidas apenas como reprodutoras e donas de casa, ou seja, como escravas que deveriam estar à sombra de seus maridos e pais. Atualmente, um movimento de retrocesso tem disseminado discurso em prol da desigualdade entre homens e mulheres e tentado colocar a mulher neste lugar colonial novamente, a exemplo dos discursos do presidente Temer.

Entretanto, é possível observar que já a partir do Período do Brasil Colônia havia manifestações contra essa postura, mesmo que os homens reagissem com atitudes negativas, como por exemplo, afirmando que as mesmas estavam loucas, para não serem ouvidas. A partir daí, as mesmas começaram a reivindicar cada vez mais por seus direitos, na educação, no mercado trabalho, na política e dentro de seus lares, ou seja, passaram buscar serem ouvidas.

E com isso, houve várias batalhas que as mulheres tiveram que enfrentar para chegarem aos direitos que possuem hoje. Mas ainda podemos ver discriminação contras elas, principalmente no mercado de trabalho, que é o ponto principal do presente trabalho.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, pudemos ver como diversas mulheres, em ambientes diferentes do comércio da cidade de Sumé, no Cariri Paraibano, se sentem dentro de seus trabalhos, ou seja, se existe ou não descriminação, distinção de gênero, ou até mesmo preconceito acerca de si. E suas respostas se apresentaram de forma diversificada.

Pudemos visualizar em cada palavra dita pelas mulheres entrevistadas que cada uma possui o desejo de ser reconhecida como uma mulher do lar, que cuida da casa e dos filhos, mas também, como uma mulher trabalhadora, que se dedica aos serviços prestados fora de sua casa, além de uma “mulher”, que se dedica a si mesma. Assim, de acordo com o estudo, percebemos ainda mais como é válido apoiar todas as lutas, manifestações e batalhas que as mulheres enfrentaram/enfrentam para chegar até onde estão.

Uma dessas lutas foi o fato de se encaixarem no meio político, pois, como elas viviam em busca do direito ao voto, hoje podemos ver que essa luta foi em parte vencida. Isso porque hoje temos mulheres ocupando altos cargos políticos, como é o exemplo de nossa ex-presidente Dilma, uma dessas mulheres que sempre lutou por direitos iguais, por melhoria das condições trabalhistas, além de ser a primeira mulher a estar no cargo da presidência da República, sendo vítima da misoginia vigente no Brasil, presente no discurso reacionário e atrasado de alguns políticos.

Durante nossa análise pudemos observar que algumas mulheres estão satisfeitas com os trabalhos que possuem, pois recebem seus salários como os homens e também não se sentem inferiorizadas por isso. Mas ao mesmo tempo existem mulheres que se sentem desvalorizadas em mundo do trabalho, pois muitas delas se acomodaram ao achar que o pouco que conseguiram já é suficiente. Outras nem valorizam as conquistas tidas durante toda essa trajetória.

Um exemplo que podemos colocar como barreira imposta para as mulheres avançarem cada vez mais no mercado de trabalho é o fato da maternidade. Hoje em dia as mulheres, ficam presas ao fato de não poderem engravidar, pois conseqüentemente deixariam de trabalhar, por vários motivos, como ter que se afastar para consultas e exames durante a gravidez, o direito à licença-maternidade e o cuidado de seus filhos quando estiverem doentes ou necessitando de consultas rotineiras. Tudo isso afetaria seu desempenho no ambiente de trabalho, ou seja, essa mulher deixaria de produzir por ser mãe. Isso podemos classificar como uma forma de preconceito.

Pode-se considerar que os ganhos femininos ainda não provocaram resultados satisfatórios nas instâncias da produção e da política. Guardemos viva a esperança de que num futuro próximo a educação formal, visando à garantia de acesso ao mercado de trabalho, contribua para a construção de uma sociedade de iguais. Não retomemos o que era visto antigamente, das mulheres serem proibidas de frequentar as escolas para não adquirir conhecimento, o que era proibido para seu sexo.

As mulheres hoje em dia estão longe do que já foram há muito tempo, pois há muito tempo as mulheres foram tidas como objetos de uso do lar que serviam apenas para reprodução e cuidado de suas casas. Porém, ainda constatamos que isso perdura, como, por exemplo, no caso da primeira-dama Marcela Temer, que abriu mão de sua carreira como advogada e dos seus anseios para viver à sombra de seu marido, cuidando da casa e do filho. Ou seja, muitas vezes as próprias mulheres esquecem essas lutas e bandeiras que foram

levantadas. Desse modo, muitas se colocam e se mostram como inferiores ou se deixam levar pelos padrões impostos. Podemos, então, afirmar que a postura de Marcela vai de encontro a tudo o que as mulheres lutaram por muito tempo e que ainda não chegaram ao fim de suas lutas.

Podemos afirmar que as mulheres já conseguiram alcançar vários objetivos e metas que traçaram, porém ainda há muito que se buscar e conquistar, visto que estamos em meio a várias evoluções sociais. Devemos buscar evoluir junto a esses processos. Assim, trazendo para nossa região caririzeira, podemos dizer que esta análise servirá como uma forma da mulher sumense se ver no mundo do trabalho.

De uma forma geral, podemos afirmar, de forma sociológica, que as mulheres hoje são a maioria dos trabalhadores em alguns setores da economia. Porém, não chegaram ainda ao seu ponto máximo de suas lutas e anseios, isso porque ainda há muito que ser conquistado.

Partindo desse pressuposto, podemos analisar que nosso trabalho está dentro dos estudos sociológicos, visto que nosso objeto de estudo é uma classe social que busca através de muitos obstáculos igualdade no meio social, e que por muitas vezes a sociedade se mostra repressora às classes mais “fracas”. E mediante esta “fraqueza”, apresentada por esta sociedade, surgiu a necessidade de se analisar como as mulheres se veem em meio a todo esse desconforto social.

Consideramos, diante dos dados obtidos, que as mulheres ainda precisam conquistar mais espaço, mais avanços, tais como serem totalmente valorizadas e consideradas como um sexo forte, capaz de enfrentar diversas situações de seu cotidiano. Hoje podemos ver mulheres sendo chefes de grandes empresas privadas, grandes diretoras escolares, importantes referências no meio político, entre outros papéis desempenhados nas diversas esferas. Mas, para isso acontecer, as mulheres devem estar sempre dispostas e confiantes em si mesmas, pois a principal conquista vem do nosso interior.

Nesse quesito, a mulher caririzeira é exemplo de grande superação, já que não mede esforços para mostrar que tem todo potencial e garra para se dedicar ao mercado de trabalho. Porém, ainda é necessário que sejam levantadas diversas bandeiras para mostrar cada vez mais que somos dignas de não sermos chamadas apenas de mulheres “belas, recatadas e do lar”, pois não dependemos da benesse dos homens para chegarmos aonde chegamos, nem precisamos estar à sombra de ninguém, como nossas antepassadas.

Considerando os estudos realizados no âmbito das Ciências Sociais, podemos ponderar esta pesquisa como produtiva, pois como o próprio conceito de Ciências Sociais diz,

o propósito é estudar as manifestações humanas, ou seja, as manifestações que a sociedade nos apresenta. E isso foi feito tendo como pano de fundo a realidade local.

Assim, podemos afirmar que constatamos, aliando teoria e prática, que as mulheres chegaram e ainda chegarão a ocupar espaços iguais aos homens, desde que continuem lutando para tal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *As professoras no século XX: as mulheres como educadoras da infância*. São Paulo. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/482.pdf. Data: 11/11/2015.

ARAGÃO, Milena Cristina. *A mulher é naturalmente educadora. representações de professoras sobre docência: entre discursos históricos e atuais*. Uberlândia, MG; Caderno Espaço Feminino. 2012.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Abordagem societal das representações sociais. *Sociedade e estado*, n^a 3, p. 713-737. Brasília, 2009.

BAYLÃO, André Luís da Silva. *A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf>>. Acesso em: 14/11/2015.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BENEDICTO, Marcelo. *Desemprego volta a crescer no primeiro trimestre de 2018*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20995-desemprego-volta-a-crescer-no-primeiro-trimestre-de-2018.html>>. Acesso em: 25/07/2018.

BESTER, Gisela Maria. *A luta sufrágica Feminina e a conquista do voto pelas mulheres brasileiras: aspectos históricos de uma cidadania*. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/viewFile/907/pdf>>. Acesso em: 25/07/2018.

BEZERRA, Juliana. *Dilma Rousseff*. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/dilma-rousseff/>>. Acesso em: 25/07/2018.

CARVALHO, Débora Jucely. *A conquista da cidadania feminina*. São Paulo; Revista Multidisciplinar da UNIESP. 2011.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *A primeira árbitra de futebol credenciada pela FIFA é brasileira*. Disponível em: <<https://historiadesporte.wordpress.com/2014/12/14/a-primeira-arbitra-de-futebol-credenciada-pela-fifa-e-brasileira/>>. Acesso em: 30/05/2018.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*./ Guacira Lopes Louro – Petrópolis, RJ; Vozes, 1997.

LINHARES, Juliana. *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 11/07/2016.

MARTINI, Méry Terezinha & SOUZA, Fernanda. *Mulher do século XXI: conquistas e desafios do lar ao lar*. Disponível em: < <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Mary-Terezinha-Martini.pdf>>. Acesso em: 10/01/2018.

PEREIRA, Rosângela Saldanha, SANTOS, Danielle Alemida dos, BORGES, Waleska. *A mulher no mercado de trabalho*. São Luís, MA. 2005.

PRAUN, Andrea Gonçalves. *Sexualidade, gênero e suas relações de poder*. Revista Hômus. 2011.

PORTAL BRASIL. Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em: 10/06/18.

PEREIRA, Andréa Renê. *Evolução do trabalho e o trabalho em tempos globalizados*. Disponível em : <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/andrearenenepereira.pdf>>. Acesso em: 14/11/2015.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SOUSA, Rainer Gonçalves. *A mulher no mundo colonial*. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/a-mulher-no-mundo-colonial.htm>> Acesso em: 05/08/2018.

TELES. Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VIANNA, Cláudia Pereira & SETTON, Maria da Graça Jacinto. “O conceito de gênero e a construção dos sujeitos femininos na família: o uso do cinema nas reflexões educacionais”. *Educação Revista*, nº 3, p. 107-122, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal
de Campina Grande



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E SCLARECIDO.

Prezados (a) Sr.(a).

Eu, Mireli Mano da Silva, como aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, pretendo desenvolver uma pesquisa com mulheres, que estão inseridas no mercado de trabalho, inicialmente intitulada “**MULHER E TRABALHO SOB A PERSPECTIVA FEMININA NO MUNICÍPIO DE SUMÉ-PB**”

, sob a orientação da Prof^a. Dr. Sheylla de Kassia Silva Galvão.

O (s) motivo (s) que nos leva a estudar o assunto é compreender o fenômeno da evolução da mulher no mercado de trabalho, a partir de mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho. Os dados serão coletados mediante utilização de um questionário, relacionadas ao tema.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo.

Sheylla de kassia Silva Galvão
Fone: (83) 99972-2024

CONSENTIMENTO DO VOLUNTARIO

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____, aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado (a) ou coagido (a) para tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósito científico. Estou ciente também que receberei uma copia deste documento.

Sumé, _____

Assinatura do participante

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PESQUISA: MULHER E TRABALHO SOB A PERSPECTIVA FEMININA NO
MUNICÍPIO DE SUMÉ-PB

ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS DA ENTREVISTADA

NOME: _____

IDADE _____ CIDADE NATAL _____

ESCOLARIDADE _____

TRABALHA? SIM () NÃO ()

COM QUANTOS ANOS COMEÇOU A TRABALHAR? _____

COMEÇOU A TRABALHAR POR QUÊ?

LOCAL DE TRABALHO _____

RENDA _____

1. Na sua opinião, a imagem da mulher mudou ao longo do tempo?
2. Se sim, na sua opinião como era a imagem da mulher antes e como é agora?
3. Como você vê a transformação que a mulher vem passando na sociedade?
4. Na sua opinião, a mulher vem se desenvolvendo de forma satisfatória no mercado de trabalho?
5. Na sua opinião existe preconceito contra a mulher no mercado de trabalho?
6. Se sim, de que forma é esse preconceito?
7. Você observa que as ofertas de vagas de emprego são mais para homens ou para mulheres. Justifique.
8. Você possui um emprego?
9. Você demorou a consegui-lo?
10. Houve rejeição da parte contratante pelo fato de você ser mulher?
11. Você está satisfeita com o trabalho que possui? Por que?

12. Você está satisfeita com seu salário em comparação com o salário dos homens?
13. Você acha que é mais cobrada no trabalho do que os homens? Justifique.
14. Em um artigo, publicado na revista *Veja*, com título “*Bela, recatada e do lar*”, foi mostrado à vida da primeira-dama do Brasil Marcela Temer de apenas 32 anos, onde é apresentado que a mesma que está casada a 13 anos com Michel Temer, é formada em direito, porém nunca atuou na área, trabalhou apenas como recepcionista, por um curto período. E seus dias consistem em levar e trazer o filho do casal a escola, cuidar da casa em São Paulo e se dedicar a vida do marido. Ela é apresentada no artigo como “*vice-primeira-dama do lar*”. O artigo mostra Marcela como um exemplo a ser seguido pelas outras mulheres, e a reportagem se encerra com a frase: “*Michel Temer é um homem de sorte*”.

Em sua opinião, quais as características de uma mulher “Bela, recatada e do lar”, com base na vida social atual? A mulher ainda deve estar a sombra dos homens? Qual sua opinião para esta posição de Marcela Temer?

ANEXOS

ANEXO I – REPORTAGEM DA REVISTA VEJA

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice.

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em

seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado Anônima Intimidade. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”. Michel Temer é um homem de sorte (LINHARES 2016)⁹.

⁹ Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 11/07/2016